

CARTAS CIRCULARES EM PORTUGUÊS

PEDRO CASALDÁLIGA

ANO 1999

A escada de Jacó

[circular fraterna]

Em um livro-pesquisa escrito na Itália acerca do que pensam as crianças sobre Deus, um dos pequenos pesquisados responde, com toda a convicção, que "Deus vive no paraíso, onde faz reuniões com os bispos e os papas. Ele está no alto, e os outros um pouco mais abaixo."

A 11 de novembro de 1979, um ano antes de seu martírio (20 anos serão no ano 2000), nosso São Romero da América proclamava, esperançado: "E vocês verão, queridos pobres, queridos oprimidos, queridos marginalizados, queridos famintos, queridos enfermos, que já está fulgurando a aurora de sua ressurreição".

O gorila Ismael, "professor que procurava aluno com desejo sincero de salvar o mundo", segundo a novena fabulosa de Daniel Quinn, tinha em sua sala de aula um cartaz que dizia, de um lado: "Com o fim da Humanidade, haverá esperança para o gorila?" e dizia, do outro: "Com o fim do gorila, haverá esperança para a Humanidade?"

Nesta carta circular, não vou fazer um levantamento de cifras dolorosas ou eventos esperançados. Felizmente, o informe do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento já passou a ser quase um manual de conscientização. Está nos jornais, nas revistas, nas agendas, esse profeta leigo que nos obriga a abrir os olhos e a sentir-nos uma só Humanidade. Como dizia, em seu tempo, o teólogo Karl Barth a respeito da Bíblia e do jornal, o PNUD e a Bíblia deveriam estar sempre em nossas mãos e em nossa ação.

Neste ano de 1999, véspera do famoso 2000, estamos vivendo um final de século, um final de milênio, que revolucionaram espetacularmente a Humanidade, para o mal e para o bem; com suas descobertas científicas e geográficas; com suas lutas étnicas, religiosas e imperialistas, com seus

fundamentalismos, holocaustos, gulags e massacres; com suas "suspeitas" e a "morte de Deus" e "o desencanto do Homem"; com seu capitalismo e seu comunismo; também com seus avanços na liberdade, na ciência, na comunicação, na solidariedade...

Fecha-se este ano um milênio de cristandade, com suas cruzadas e sua inquisição e seus colonialismos e seu poder centralizador; mas também com sua legião de mártires e santos e santas das mais variadas condições; com seu Concílio Vaticano II, com as novas teologias contextuais, com uma irreversível presença, cada vez maior, do laicato na Igreja e, mais concretamente, da mulher. Fecha-se pedindo perdão, embora muito timidamente, e sem acabar de reconhecer que muitos dos grandes pecados eclesiais deste milênio foram da Igreja, como instituição, e não somente de "alguns cristãos infiéis a seu batismo".

Este final de milênio - para a Humanidade, para a Igreja - bem poderia ser um assomar-se com lucidez e humildade e esperança à respectiva história e atrever-se à mudança estrutural, à reforma eclesial que nunca se acabou de fazer, a optar verdadeiramente pelas maiorias empobrecidas e a dialogar com sinceridade inquestionável, sacrificando privilégios, possibilitando a dignidade e a participação de todas as pessoas e de todos os povos. Tarefa da Humanidade se quer ser verdadeiramente humana, tarefa da Igreja se quer ser verdadeiramente evangélica.

Nosso profeta leigo, o benéfico PNUD, em seu informe último, recorda que ainda - e a cifra cresce espantosamente - há 1,2 bilhão de pessoas à margem de qualquer tipo de consumo, aquelas que têm de viver com menos de um dólar por dia. "Grosseira desigualdade" é como qualifica o PNUD o resultado de seu informe. Trata-se de homicida e até suicida desigualdade. Recorda o informe que, para cobrir os serviços básicos de toda a Humanidade (saúde, educação, água potável, nutrição...) bastariam apenas 30 bilhões de dólares anuais. Digo "apenas" porque os japoneses gastam em jogos recreativos 35 bilhões por ano; os europeus, 50 bilhões em cigarro e 105 bilhões em bebidas alcoólicas; e em drogas se gastam 400 bilhões; em armas, 780 bilhões; e em publicidade, 435 bilhões...

Fazendo, pois, um bom exame de consciência com propósito de emendar-se, a gente entende facilmente que o mundo não pode continuar assim. Falando de seu povo, dizia um indígena Yanomami, do norte do Brasil: "Se continuamos assim, vamos todos morrer". Entre esses "todos" não estariam somente os Yanomami, se continuamos assim.

Vimos falando muito de projetos alternativos, e se constata - graças a Deus e graças a muita Humanidade que ainda resta - que os projetos alternativos proliferam em todas as escalas da vida e da organização humanas. Mas se percebe, cada vez com maior clareza e mais urgência, não somente a necessidade de projetos alternativos, mas a ineludível necessidade de uma civilização alternativa, de uma sociedade "outra", matriz, ensaio e fruto de muitos projetos alternativos, de muitas boas vontades somadas.

Frente à tentação do fatalismo e contra a insensível irresponsabilidade do consumismo, do privilégio e da prepotência, impõem-se a luta e a esperança por essa utopia de um mundo fraterno onde caibamos todos e todas com a própria dignidade e a própria alteridade.

Não é possível que tantos comuns sonhos que cada vez afloram mais em organizações, manifestos e realizações concretas, sejam apenas sonho. Já há muita Humanidade que sonha desperta, disposta a forçar o dia da justiça e da paz.

Logo vamos entrar no século XXI, no terceiro milênio (cristão). Vocês recordam aquilo de "...ou será místico ou não será". Pensando nos quatro grandes desafios que nos questionam a razão, a fé e a esperança, eu reformularia assim o que foi dito:

- O século XXI ou será místico ou não será humano. Porque a mística é esse sentido profundo da vida, essa abertura ao horizonte de Deus, essa busca da resposta última.
- O século XXI cristão optará pelos excluídos ou não será cristão. À medida que cresce a criminosa desigualdade no mundo, excluídas da vida e da dignidade as maiorias humanas, a opção pelos pobres aparece cada vez mais como constitutivo essencial da Igreja de Jesus.
- O século XXI cristão, ou será ecumênico ou não será eclesial. Poderá ser uma berrante eclosão de minicristianismos sem consistência evangélica e sem comunhão testemunhante, mas não a Igreja de Jesus, testemunha da Páscoa, enviada "para que o mundo creia".
- O século XXI, ou será ecológico ou simplesmente "não será". Não que eu creia que esteja chegando o fim do mundo nesse cacarejado ano 2000; mas segundo as ciências e as esperanças, parece, sim, que estamos empenhados todos em acabar com o ar, com a água, com a floresta, com a vida. A ecologia é a grande política pendente, e deve ir sendo, cada vez mais, ética, teologia, espiritualidade.

Este nosso novo século, o novo milênio que nos vem às mãos, deve agarrar-se sinceramente ao diálogo com Deus, com o Deus de todos os nomes, com o Deus de todas as religiões, com o Deus de todos os rostos e perguntas e esperanças. Deve agarrar-se sinceramente a um diálogo fraternal com a natureza, vida de nossa vida, casa de nosso lar. Deve agarrar-se a um diálogo aberto, alegre, enriquecedor, entre os homens e as mulheres, entre os povos e as culturas, entre os dois ou três ou quatro mundos que tragicamente há, para construir a outra mundialidade, a globalização da solidariedade, a humanidade lindamente plural e una.

Meus amigos agostinianos e agostinianas, em um recente encontro da América Latina e do Caribe, sonhando também com um novo milênio "novo", propunham estas justas alternativas ao neoliberalismo inumano:

1. Supremacia do social x supremacia do indivíduo.
2. Solidariedade eficaz x individualismo corrosivo.
3. Afirmação cultural x idolatria da globalização.
4. Inclusão econômica e social x desemprego em massa.
5. Direitos humanos x violência e impunidade.
6. Estado social e participativo x estado mínimo e policial.
7. Ecumenismo respeitoso x sectarismo fundamentalista.

Acabamos de celebrar as bodas de ouro (e de sangue) da Declaração Universal dos Direitos Humanos. E nessa ocasião eles foram reclamados em muitas partes com nova força e ampliando-os inclusive a áreas mais preteridas. Continua sufocante o problema dos direitos dos povos. O mundo ainda assiste passivamente a genocídios, embargos, guerras prepotentemente relâmpago; a ONU continua manipulada por sete "grandes", e o mercado total vem substituindo o direito, a justiça e a ética totais.

Dos mais díspares setores da humanidade, desde políticos marxistas até o Papa João Paulo II, levantam-se vozes unânimes contra a iniquidade da Dívida Externa e por sua revisão ou redução ou cancelamento. Nem sempre situando corretamente o problema: porque essa Dívida não é dívida; porque os supostos credores são de fato os devedores; e porque as vítimas dessa dívida vêm pagando-a há séculos com fome, miséria e morte. Ademais, porque se esquece às vezes - como observou insistentemente a Semana Social Brasileira - que há uma conexão dialética entre a Dívida Externa e as dívidas sociais (de saúde, educação, moradia, trabalho, igualdade... vida), que essas, sim, devem ser pagas como dívidas de lesa-Humanidade.

Em todo caso, o ano 2000, que para os cristãos é ademais jubileu, se transformou em uma grande convocatória mundial contra a Dívida Externa e seus males. Nossa Agenda Latino-Americana do ano 2000 estará dedicada também a esse tema: "Uma Pátria Grande sem Dívidas"; sem a Dívida Externa e sem as dívidas sociais, bem entendido.

Em todo o mundo, também no primeiro, o desemprego passou a ser uma verdadeira agonia, pessoal, familiar, social. Calcula-se que nesta mudança de século cerca de um bilhão de pessoas malviverá afogada por essa maré. O trabalho, na atual economia de mercado total e pela supervalorização da técnica a serviço do lucro, deixou de ser um direito e sequer pode ser invocado como um dever. Simplesmente "não há trabalho"! O capital liberal, contrariado, é verdade, deveria discutir com o trabalho; o capital neoliberal pode "prescindir" do trabalho. No Brasil, a Campanha da Fraternidade deste ano, dedicada precisamente ao tema do desemprego, pergunta muito oportunamente: "Sem trabalho, por quê?" É preciso ir às causas. E essas causas são totalitariamente estruturais. Os excluídos começam por ser primeiro excluídos do trabalho.

O Brasil está se preparando, também, com muito contraditória preparação, para os 500 anos do mal chamado descobrimento e da ambígua evangelização desta Terra de Santa Cruz. Será uma nova oportunidade - e não só brasileira - de revisar esta história dos 500 anos e de valorizar a história dos milhares de anos anteriores e uma e outra herança, como Sociedade e como Igreja. Aqui, também, antes de tudo, é preciso repetir com o cantor: "Bem-aventurados os que têm feito realidade esta resistência de 500 anos".

* * *

Como Igreja, para a Igreja, neste último ano eu também sonhei muito, com tantos irmãos e irmãs da grande Igreja de Jesus. E de diferentes lugares me pediram, precisamente, que explicitasse esses sonhos. Partilho com vocês, aqui, alguns deles, já velhos conhecidos de nossas vigílias:

- Rever na fé, na teologia e na espiritualidade o Deus que vimos adorando, dogmatizando e pregando, porque talvez nem sempre corresponda ao verdadeiro Deus, ao Deus de Jesus, falando como cristão.
- Viver o ecumenismo, mas de verdade, passando bem concretamente do ecumenismo das intenções, encontros e generalidades, para o reconhecimento mútuo das Igrejas como sendo a Igreja de Jesus. Por que não? O que perderia a Igreja, o que perderia o Evangelho, o que perderia Deus, com um real ecumenismo vivido na liberdade do Espírito? Claro

que deveríamos relativizar muitas coisas e rever o que é fé, o que é cultura, o que é história, o que é preconceito, e acolher apaixonadamente o testamento do Senhor Jesus: "Pai, que eles sejam um!" Konrad Kaiser, secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas, sonha, como sonhamos muitos, com um "Concílio genuinamente universal". E assenta quatro elementos essenciais e suficientes para definir a comunhão do Corpo de Cristo, sua Igreja:

a fé comum na Trindade e em Cristo como nosso Salvador;

o Batismo, uno para todos;

a Eucaristia, una para todos;

o mútuo reconhecimento dos ministérios.

- Reconhecer a opção pelos pobres - hoje a maioria da humanidade, excluída - como uma opção essencial do Evangelho, e por isso mesmo essencial também à Igreja de Jesus, uma verdadeira "nota" de sua identidade.
- Descentralizar-se "catolicamente", inculturando-se em cada povo e potenciando a identidade e a alteridade das Igrejas locais, das conferências episcopais; revisando, em conseqüência, o modo de exercer o ministério de Pedro e toda a ministerialidade da Igreja; e possibilitar a participação adulta e corresponsável dos leigos e leigas. "A Igreja - repetia o inesquecível Pe. Häring, que acaba de passar à plena liberdade do Reino - necessita de cristãs e cristãos maiores de idade, vanguarda da verdadeira liberdade e responsabilidade, pioneiros no mundo da justiça social e da política da paz".
- Aproximar-se bem samaritanamente de todas as inquietudes e desconcertos e sofrimentos e esperanças da Humanidade, levando-lhe a luz e o óleo da Boa Nova do amor de Deus. O patriarca Georges Hourdin, em seu último livro, "O velho e a Igreja" - parafraseando "O velho e o mar" de Hemingway - sonha com que a Igreja tenha cada vez mais "a capacidade do Evangelho, levado por homens e mulheres ao mesmo tempo, de voltar-se para o mundo futuro com pensamentos de humanidade e felicidade". Hourdin, então, sintoniza, a partir de sua fé e sua cultura, com a desesperada fé e a miséria do camponês da canção: "O que quer dizer 'bem-aventurados'?... porque isso de pobre eu já sei!"

À nossa Igreja latino-americana eu pediria que retomasse, como um primeiro amor, as intuições e compromissos de Medellín, "recepção" latino-americana do Vaticano II; a consciência e a vontade de ser uma Igreja "nossa", sintonizando

com as culturas, dores e esperanças de nossos povos; partindo profeticamente para uma evangelização nova de verdade por ser inculturada, comprometida, libertadora. Acabamos de celebrar os 30 anos de Medellín, e Medellín deve continuar sendo um marco histórico decisivo para a Igreja latino-americana, nosso Pentecostes crioulo, o maior acontecimento de toda a história da Igreja na América Latina, no meu entender, pelo que sintonizou e desencadeou.

Em nossa igreja de São Félix do Araguaia continuamos, entre falhas e esforços. Neste quadriênio temos como prioridades a formação, a autonomia em pessoal e em economia e a pastoral sócio-política. Devagarinho, é claro. Sobretudo isto da autonomia tem ainda muito de sonho, realmente. E a economia continua sendo um verdadeiro andar sobre a corda bamba, embora a Providência e as providências solidárias, na hora tensa da verdade, sempre nos dêem uma mão.

Durante este ano de 1999 teremos em toda a Prelazia missões populares, animadas quase exclusivamente pelas próprias comunidades de nossa Igreja.

No último retiro espiritual, que realizamos às margens do Araguaia, naquele morro familiar de Santa Terezinha, destacávamos, como traços de família de nossa Igreja - que o são ou que deveriam sê-lo:

- a) a opção pelos pobres, que é opção pelo povo, que é opção pela justiça e pela libertação. Daí também o desafio da inculturação e a vivência da pobreza evangélica ou da sobriedade, pessoal e comunitária;
- b) a convivialidade ou convivência fraterna; pela vida e pela ação em equipe, pela hospitalidade de casas e corações abertos, pela compenetração e sensibilidade com o povo e suas andanças;
- c) a latino-americanidade na espiritualidade, a teologia e a pastoral da libertação; pela memória e celebração dos Mártires da Caminhada; pela Bíblia em mãos do povo; em comunidades eclesiais de base; potenciando a participação do laicato e bem explicitamente da mulher; assumindo nossos "concílios latino-americanos" e as pastorais específicas que a Igreja do Continente vai suscitando; fazendo nossas as grandes Causas da Pátria Grande, como Pacha Mama, como Ameríndia, como Afro-América.

Convidamos, com tempo, os amigos e amigas solidários para a grande Romaria dos Mártires da Caminhada que vamos celebrar no mês de julho do ano de 2001, 25º aniversário do martírio do nosso padre João Bosco e data-berço de nosso Santuário dos Mártires Latino-Americanos. E, por certo, estamos lançando para

todos esses amigos e amigas o projeto de uma "Irmandade dos Mártires de Caminhada"; para manter viva sua memória, para celebrar suas datas, para continuar assumindo as causas que os levaram até a dar "a prova do maior amor".

Nossa querida América Central foi mais uma vez golpeada, agora pela violência do furacão Mitch. Excesso da natureza, mas também injustiça humana, porque, uma vez mais, foram sobretudo os pobres os que perderam moradias, lavouras, vidas. Nem as respectivas políticas nacionais nem a política internacional, lá como em tantas outras partes do mundo, previnem - e hoje em boa parte seria possível - os efeitos maiores desses cataclismas. Mais uma vez, felizmente, a América Central, que ensinou a solidariedade como "ternura dos povos", recebeu verdadeiras avalanches de solidariedade sobre os prejuízos do furacão.

Vocês terão acompanhado as celebrações de Riobamba, Equador, em agosto último, por ocasião do 10º aniversário da páscoa do patriarca Leónidas Proaño. Foram uma bela confluência de amizades, de compromissos e de esperanças, na linha das "grandes causas que forjaram a alma e a ação de Dom Proaño": a opção pelos pobres, os povos indígenas, a comunidade, a solidariedade. "O grito de Riobamba", que se proclamou dia 30 de agosto naquelas brancas alturas do Chimborazo, expressa abertamente o que ali sentimos e a que nos propusemos, nesta hora do Povo e da Igreja da América Latina. Parece-me oportuno recolher aqui um alerta-compromisso que o manifesto faz, a propósito da celebração do Jubileu: "Queremos que este (assumir as Grandes causas) seja o modo de viver e ajudar a viver, em nossas respectivas Igrejas e países, o verdadeiro Jubileu permanente que Jesus de Nazaré instaurou. Concretizando, assim, mais além de qualquer comemoração triunfalista e ocasional, o que deve significar o Jubileu Bíblico em nossos contextos sociais e religiosos: por uma conversão pessoal e estrutural de nossas Igrejas e Sociedades, na vivência da fé com coerência e inculturadamente, na convivência fraterna de uma paz com justiça e dignidade, na satisfação das reivindicações maiores de terra, saúde, moradia, educação, comunicação e trabalho..."

* * *

A estas alturas, vocês se perguntarão a que vem a escada de Jacó como título desta circular, tão somente alinhavada.

Aquele bom Jacó fugindo, como que à deriva, perseguido por uma vocação radical, lutava consigo, com a família e com Deus; sem saber, noite e terras adentro, aonde a vida o levava. A tradição cristã viu, nesta luta de Jacó com Deus, junto à torrente Yaboc, uma imagem do combate espiritual da

Humanidade confrontada com o mistério do Deus Senhor do Mundo e da História. Sentimo-nos todos, hoje, um pouco como Jacó, na hora de vadear o curso de um século, de um milênio, tão ameaçante como esperançador. Os dados do PNUD, as iniquidades estruturais, os cataclismas cósmicos, a violência - estruturada ou espontânea - estourando de todos os ângulos da sociedade, facilmente nos situam em um caminho desconcertado, como à deriva também. Todos um pouco Jacó, buscando o Dia. Em meio a esta noite de sonhos e de temores, dormindo talvez sobre a pedra de uma realidade mais que dura, não nos falem anjos da luz, da solidariedade e da esperança, que descem e sobem de Deus para nós, de nós para Deus.

E voltemos - para terminar, ademais com um grande abraço - ao professor gorila, ao menino teólogo e a nosso São Romero, que encabeçam esta circular. O professor Ismael - esse é seu nome - tem mais que razão com suas perguntas: Se acabamos com as plantas, com os animais, com a natureza, evidentemente acabaremos conosco também. Espero que o menino teólogo não tenha razão e que com nossos testemunho ele vá aprendendo uma visão bem diferente de Deus e da Igreja, no céu e na terra. E devemos empenhar-nos, com toda a nossa paixão humana e com todo o poder do Evangelho, para que a promessa esperada de Romero tenha razão de verdade: "E vocês verão, queridos pobres..., como, apesar de tantos pesares, amanhece a aurora da Ressurreição!"

Pedro Casaldáliga
São Félix do Araguaia, MT, Brasil
- para este ano 1999

ANO 2000

2.000 ANOS DE JESUS, 20 ANOS DE ROMERO

[circular fraterna]

Neste "final" e "mudança" de século, de milênio, de "paradigmas", somos muitos, com diferentes tons e perspectivas, os que expressamos nossos sonhos pensando em uma nova sociedade, e também em uma Igreja nova. Há como uma espécie de ânimo coletivo sonhador, que se expressa, nos expressa, segundo necessidades ou interesses, mas que palpita impaciente na humanidade deste ano 2.000.

Em nível social, político, econômico, quer-se uma verdadeira mudança, e não apenas umas pinceladas de marketing. Em nível cristão -que não deixa de ser também social, político e econômico- trata-se do Jubileu, que deveria ser o verdadeiro Jubileu, o jubileu definitivo que Jesus de Nazaré proclamou, tempo de justiça para os pobres, era de libertação para a humanidade inteira.

Os "humanos" de hoje temos uns 35.000 anos de caminhada: tempo suficiente para aprender as grandes lições da história. Infelizmente, o poder neoliberal que impera hoje na humanidade se manifesta como uma suicida "exuberância irracional" da especulação, segundo Alain Greenspan, do todo-poderoso Banco Mundial. E outros altos mandatários desse Banco e do FMI acabam de reconhecer que "é preciso começar a levar em conta os pobres..." Já não se pode prescindir impunemente da maioria da humanidade!

Frente à morte da esperança que praticamente o sistema nos prega, o jubileu de Jesus se define a partir de sua proclamação em Nazaré como a libertação total dos pobres.

Fechando o século mais cruel da história, deixou-nos para ir à Casa do Pai Dom Hélder Câmara, insistindo na esperança. E no mundo inteiro a solidariedade vai sendo, não somente "o novo nome da paz", mas também o nome inevitável da sobrevivência.

O balanço da iniquidade

As estatísticas e os balanços de sempre se multiplicam em revistas e na comunicação eletrônica. Continuam sendo, infelizmente, os de sempre. Mas agora, com o peso específico de um fim de época, fazendo memória e exigindo prognóstico.

Aproximadamente 4/5 da população mundial assistem à globalização mas dela não participam. Um bilhão e 300 milhões de pessoas devem passar com menos de um dólar por dia. Calculando a pobreza absoluta como uma renda inferior a 370 dólares por ano, a Ásia tem 778 milhões de pobres absolutos; a África, 398 milhões; e a América, 156 milhões.

Dos 4 bilhões e 400 milhões de habitantes dos países "em desenvolvimento", aproximadamente 3/5 não têm acesso a água limpa; 1/4 não tem moradia adequada; e 1/5 não tem serviços normais de saúde. Calcula-se que no novo milênio faltará água potável para 40% da humanidade, neste nosso planeta terra que é com mais razão "planeta água". Os Estados Unidos, por outro lado, com apenas 5% da população mundial, utilizam 25% dos recursos mundiais. Com ironia e razão, o sociólogo norte-americano Petras fala de "globalização ou império americano".

A dívida externa se tornou atual como notícia e como desafio. Essa dívida que, segundo o próprio papa, "ameaça gravemente o futuro das nações"; e que, segundo as Nações Unidas, faz 19.000 crianças morrerem a cada dia na África. Por outro lado, a África transfere para o Ocidente mais de 33 milhões de dólares diários.

O movimento "Jubileu 2.000" fez uma campanha no mundo inteiro exigindo que sejam anuladas as dívidas externas dos países pobres. Conseguiram-se 17 milhões de assinaturas. Pouco depois, correu pelo mundo a notícia alvoroçada de que os senhores do poder mundial iam cancelar parte dessas dívidas. A verdade é que o que vão cancelar é simplesmente de uns 25 bilhões de dólares, que equivalem a 1% da dívida total dos países de todo o Terceiro Mundo; porque o montante da dívida externa terceiromundista chega à apavorante cifra de 2 trilhões e 30 bilhões de dólares, e só 41 países poderão receber esse "generoso perdão".

Entre os balanços desoladores deste final de século e de milênio, é preciso sopesar amargamente o desemprego e o trabalho semi-escravo, a violência de todo tipo (sem esquecer, afirmava João Paulo II, que "a pobreza é a primeira violência") e o cínico armamentismo.

A "Minuta da Agenda pela Paz e a Justiça no Século XXI", que responde ao "Chamado de Haia pela Paz" proclamava que, "às vésperas de um novo século, é hora de criar condições nas quais o objetivo primordial das Nações Unidas - 'salvar da guerra as próximas gerações'- possa ser realizado". Ainda pesam na consciência os 110 milhões de mortos das intermináveis guerras do século XX.

Mas, ainda, somente na África, há 18 países envolvidos em guerras que afetam 180 milhões de pessoas. Em 70 países espreitam 119 milhões de minas semeadas, e somente em Angola, elas já produziram 100 mil mutilados. O exército mexicano, que em 1995 tinha 130 mil homens, agora tem mais 40 mil, sobretudo para impedir as mais que justas reivindicações dos povos indígenas de Chiapas. A administração Clinton atingiu o recorde de 21,3 bilhões de dólares de armamento exportado.

A maior parte das vítimas dessas guerras, hoje tão modernas e até virtuais, são, como lamentava Noam Chomsky falando do Timor Leste, "vítimas que não valem a pena".

"A irmã mãe Terra", como diria Francisco de Assis, está sendo brutalmente violentada. Seus produtos já não são naturais, são transgênicos. E só em nosso Brasil, durante um ano, foram derrubados 16.838 km² de florestas. Na Amazônia se derrubou, por dia, uma média equivalente à área de 7 mil campos de futebol. Um quarto da superfície da terra está sob ameaça de desertificação.

A diretora do Programa Mundial de Alimentos, da ONU, reconhecia há pouco a incapacidade da própria ONU para resolver a "insegurança alimentar" nos próximos anos, o que quer dizer que entre 800 e 900 milhões de seres humanos -aproximadamente 20% da população mundial- estão condenados a morrer... de fome.

A superpopulação das grandes cidades já é muito mais que uma ameaça. Segundo o informe do PNUD de 1998, no ano 2015 o México terá mais de 19 milhões de habitantes, São Paulo mais de 20 milhões, Bombaim mais de 26, Xangai mais de 17, Buenos Aires mais de 13, Manila mais de 14 e Lagos mais de 24. Nos próximos 15 anos, portanto, 55% da humanidade viverá nas cidades, quando, no século XIX, só 5% da população mundial viviam nelas.

O AMI (Acordo Multilateral de Investimentos) não morreu; está se travestindo. Assim como não morreu ainda a Escola das Américas e se está cogitando uma Escola da África, que não é de hoje: das 53 nações africanas, 43 receberam treinamento militar dos Estados Unidos, e 26 delas eram nações não democráticas.

Ontem, digamos, em seu "manifesto comunista", Marx e Engels profetizavam lucidamente para nosso hoje neoliberal que "o poder estatal moderno não passa de um comitê executivo encarregado de gerenciar os negócios comuns da burguesia", do FMI, das transnacionais. Porque é necessário sempre recordar que, enquanto se paga a dívida externa, obedecendo aos ditames neoliberais,

não se pagam as dívidas internas de nossos países. E os governos deixam de estar a serviço de seus povos para submeter-se a um verdadeiro império neoliberal apátrida.

Quando se propugna tão insistentemente um desenvolvimento sustentável, devemos entender dialeticamente, para todas as conseqüências da militância, que o atual modelo de desenvolvimento dos Estados Unidos e da Europa é não apenas social, econômica e ecologicamente insustentável, mas também eticamente iníquo.

A memória subversiva

Vamos fazer verdade nossa memória, "e essa verdade será que não há esquecimento" (Mario Benedetti). Nem da vida, morte e ressurreição de Jesus, nem da história ambígua de sua Igreja, nem do clamor secular, crescente, inescutado, dos pobres da terra, nem de tantos e tantas testemunhas de sangue que nos convocam à fidelidade.

São 2.000 anos de Jesus e 20 anos de Romero. Duas datas que poderão parecer desproporcionais numa mesma epígrafe, porque Jesus é Jesus, e que, entretanto, se relacionam intimamente. Na América Latina, pelo menos, um bom jeito, e muito nosso, de celebrar o Jubileu da Encarnação e da Redenção, é celebrá-lo "à Romero".

Muito se está escrevendo, também, sobre a celebração do Jubileu. Começaram já há meses as grandes celebrações e se preparam outras ainda maiores. Não faltaram, entretanto, vozes oportunas que chamassem a atenção.

"No ano 2000, a opção pelos oprimidos como sujeitos -escreve Giulio Girardi- impõe-nos uma tomada de partido contra a interpretação triunfalista do Jubileu que o concebe como uma exaltação do cristianismo histórico. Esta opção exige uma reinterpretação do Jubileu como crítica severa não só à civilização ocidental, mas (também) ao modelo de cristianismo que sacrificou a opção pelos pobres à opção pelos impérios; crítica inspirada nas imprecações contra a religião do templo, lançada pelos profetas e sobretudo pelo próprio Jesus na instauração da época jubilar."

Naturalmente, cabem as celebrações, as romarias, o "júbilo" pela vinda de Deus em carne e em história à nossa terra humana. Mas deveriam ser realizadas sempre segundo a humildade e a kénosis dessa vinda. Dando ao Jubileu toda a substância bíblica que nos vem já dos profetas e que Jesus reabilitou definitivamente para que fosse um Jubileu total e universal: para que

respondesse -essa é a grande finalidade- ao coração de seu Pai Deus, nosso Pai.

Teoricamente todos entendemos que o Jubileu, antes de tudo, deve ser voltar a Jesus de Nazaré, ao Jesus do Evangelho, à sua Causa, o Reino.

Para meu próprio exame de consciência e partilhando com tantos irmãos e irmãs que caminhamos juntos, ou que juntos deveríamos caminhar, eu destacaria concretamente:

- A redescoberta do Deus de Jesus, que é o Deus-Amor, Pai-Mãe de toda a família humana, una e plural. Um Deus capaz "de fazer sair das pedras filhos e filhas seus". Deus de todos os nomes, adorado em todas as religiões, presente de antemão e sempre em todos os corações humanos.
- Como consequência desta fé nesse Deus, uma autêntica fraternidade/sororidade universal, "na qual se reconhecerá que somos os discípulos" de Jesus.
- Mais além da lei, contra a lei, às vezes (e falo das leis civis e também das leis religiosas), o amor-justiça, o amor-solidariedade, o amor-misericórdia. Um amor parcial, porque parte sempre dos pobres, dos excluídos. Jon Sobrino acaba de lançar um volume de cristologia intitulado significativamente "A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas".
- A esperança vitoriosa, que se funda na cruz do Ressuscitado e que se traduz diariamente, em nível pessoal e em nível social, em uma fidelidade sempre coerente, em uma militância ineludível, em uma testemunhalidade sem arrogância mas sem medo, que vai até o fim, como foram tantos irmãos e irmãs mártires. Esperança vivida e celebrada "contra toda esperança", apesar de todas as claudicações e fracassos, "apesar de todos os pesares neoliberais e eclesiais", faz-me bem repetir.

Celebrar os 20 anos do bispo Oscar Arnulfo Romero, mártir em plena eucaristia, a 24 de março de 1980, em El Salvador, deve ser assumir a herança de Romero, as causas pelas quais ele deu a vida. Sua conversão aos pobres. Aquele Jubileu de três anos definitivos que ele selou com seu sangue. Suas atitudes de escuta, de acolhida, de profecia, de esperança, seu modo tão localizadamente fiel e tão politicamente consequente de ser pastor. O povo, amado, buscado, assumido pastoralmente, em suas angústias e suas reivindicações, o fez santo. E santo o vem declarando desde a sua morte-martírio, e como santo o venera sobretudo na catedral-catacumba de San Salvador. O verdadeiro processo de canonização

do bom pastor Romero deve ser o processo da assimilação de suas causas e atitudes.

Neste final de século é interessante recolher a afirmação de Ludwig Kaufmann, em seu livro "Três pioneiros do futuro: cristianismo de amanhã":

"Três pioneiros da fé que olham cara a cara a realidade de seu presente respectivo..., que indicam um caminho para que nós possamos ser cristãos amanhã. João XXIII, que confiava que Deus continua atuando na história, que soube ler os sinais dos tempos e teve a valentia de colocar a Igreja no caminho do serviço à humanidade. Charles de Foucauld, inspirador da comunidade dos irmãozinhos (e irmãzinhas), que, em avanços sucessivos, buscou deixar para trás as fronteiras e os privilégios dos cristãos europeus. Oscar Romero, que se decidiu de maneira radical em favor dos pobres e chegou a ser mártir da Igreja dos oprimidos."

A opção profética

À luz dessas duas datas, e de suas exigências e esperanças, eu pessoalmente -e penso que com milhões de irmãos e irmãs desse sonhador coletivo anônimo- gostaria de ver as seguintes transformações (radicais) na Sociedade, nas Religiões, na Igreja:

1 - Como Sociedade, contestar eficazmente essa mundialização globalizada, de acumulação de lucro, de consumismo atordoado e de exclusão homicida, para construir a outra mundialização, a partir de uma atitude de mundialidade em tudo e cada dia. Contra "a especulação, investimentos especulativos andorinhas, privilégio da circulação de mercadoria sobre a circulação do trabalho, informação dispensável, darwinismo global", possibilitar "a transparência e abundância da informação, a circulação e aplicação das tecnologias, os investimentos produtivos, a universalização dos direitos humanos", "e enraizar estes direitos nas políticas locais de educação, saúde, comunicações, emprego" (Carlos Fuentes).

Como alguém sugeriu oportunamente, conjugar constantemente e em nível mundial os verbos "partilhar, participar, prevenir".

Um objetivo ineludível seria, evidentemente, substituir a ONU atual e suas instituições por outras que sejam mundiais de verdade, equitativamente, sem privilégios e sem cinismo. Para uma mundialidade "onde caibam todos" e todos os povos, também os povos indígenas, também os minoritários.

Já faz um certo tempo que se divulga a campanha pela reforma do Banco Mundial. E se propugna a criação do Tribunal Penal Internacional. Em nossa Agenda Latino-Americana, que a partir do ano 2001 será "Latino-americana-mundial", apresentamos um ideário e algumas realizações concretas dessa mundialidade "outra". Há muitas propostas e ensaios que vão abrindo esse caminho; desde a reivindicação insistente da Anistia Internacional pela abolição da pena de morte no mundo inteiro (em um único ano se cometeram 1.625 execuções) até a criação do "Banco dos pobres".

Os países, evidentemente, deveriam ter seu Estado, soberano e servidor. As "comunidades econômicas" não existiriam para impor-se, mas para complementar-se. E sobriam a Otan e seus cupinchas.

Auscultando profeticamente a situação de nossos povos da América Latina (de todo o Terceiro Mundo) e antecipando-se profeticamente à situação ainda mais dramática que o capitalismo neoliberal criou, Medellín denunciava: "Queremos ressaltar que os principais culpados da dependência econômica de nossos povos são aquelas forças que, inspiradas no lucro sem freio, conduzem à ditadura econômica e ao imperialismo do dinheiro" (2.9).

Como proposta alternativa deveríamos cultivar, em todos os níveis, uma cidadania espiritualmente internacionalista, a solidarização das respectivas identidades e a internacionalização efetiva da solidariedade.

2 - As Religiões deverão pôr-se de acordo, em nome do Deus da Vida, do Universo e da Paz, para o serviço comum das grandes Causas da Humanidade, se quiserem ser religiões humanas, expressões plurais, as mais profundas, da alma da mesma Humanidade. Essas Causas vitais que são a comida, a paz, a saúde, a educação, a moradia, todos os direitos humanos, os direitos dos povos e as exigências da ecologia.

Já se escreveu a "Carta das Religiões Unidas" e se realizou, no passado mês de dezembro, na África do Sul, o "Parlamento das Religiões do Mundo".

Todo fundamentalismo, todo proselitismo, toda prepotência na vivência da própria religião está negando-a, porque nega o Deus vivo que todas as religiões querem cultuar.

O macroecumenismo, adulto, dialogante, fraterno, passará a ser uma fundamental atitude de qualquer religião que mereça este nome. Desde a própria identidade, na abertura à pluralidade da adoração e da esperança. Seguindo o sábio conselho do sufi persa do século XIII:

"Como um compasso, temos um pé fixado no Islam, e com o outro viajamos dentro de outras religiões".

3 - A Igreja, para ser a Igreja de Jesus, deve colocar-se, exclusivamente, a serviço do Reino e abandonar um auto-serviço obsessivo.

Para isso, as Igrejas, sobretudo a Igreja Católica, devem abrir-se ao ecumenismo real... sem esperar o fim do mundo! E inculturar-se de verdade, por causa do Evangelho, nos diferentes povos e nas diferentes coordenadas históricas.

A revista "Foc Nou", da Catalunha, compilou uma série de propostas que respondiam à pergunta, tão atual: "Como deverão ser os cristãos do século XX?" Respiço aqui algumas dessas respostas, que muitos cristãos e cristãs, sem dúvida, fazemos nossas também:

"Com senso comum", "desprendidos de todo o supérfluo que nos invadiu", "convencidos de que Deus quer salvar a todos", "interpelados pela Humanidade de hoje", "os crentes da pós-cristandade", "fazendo causa vital das grandes causas da Humanidade", "com uma vital experiência do Deus dos pobres", "sem colocar medida ao amor de Deus", "mais fiéis ao Evangelho que submissos ao Vaticano", "com uma espiritualidade distante de todo integrismo", "pessoas que mantenham viva a esperança", "enquanto se espera um Vaticano III", "profunda e intimamente agarrados por Jesus", "com maturidade humana e de fé", "chispas do fogo abençoado na noite da Páscoa"...

Pensando já mais concretamente em nossa Igreja Católica, é preciso rever seriamente a corresponsabilidade e ministerialidade a partir de uma profunda revisão do exercício do papado e do poder de sua cúria. Digo isso não só eu, pobre de mim: dizemo-lo milhões, e vozes muito autorizadas o declararam abertamente. O cardeal Ratzinger, nos tempos de seu famoso livro "O novo povo de Deus", escrevia: "A Igreja necessita de homens com paixão pela verdade e pela denúncia profética. Os cristãos devem ser críticos inclusive frente ao próprio papa, pois determinado panegirismo faz um grande mal à Igreja e a ele".

O cardeal Etchegaray, na lição inaugural do encontro "Igrejas irmãs, povos fraternos", realizado em novembro último, em Gênova, falava do grande paradoxo proposto aos últimos papas, "conscientes de serem (como ministério de Pedro) o princípio da unidade dos cristãos e que (na realidade) se vêem como seu dramático obstáculo". "O ministério de Pedro -acrescentava o cardeal- que serve estruturalmente para promover a sinodalidade da Igreja, é também de

natureza sinodal: sua função própria não o situa fora ou acima do colégio episcopal. O Papa não é de um grau superior ao episcopado, e tem suas raízes no mesmo sacramento que faz os bispos."

Por sua vez, o cardeal Martini, na Terra Santa, presidindo uma grande peregrinação, reconhecia que a Igreja Católica deve dar passos bem fundamentais para o ecumenismo, "entre eles, o modo de exercer o primado de Roma, que deve ser repensado". "De fato -recordava Martini o que tinha sido notícia mundial- o próprio Papa se declarou disposto a repensar e a escutar sugestões sobre a forma de exercício do primado".

A Igreja está pedindo perdão por muitos pecados seus ao longo destes dois milênios, mas continuamos sendo pecadores também hoje. Os Sínodos continentais que acabam de ser celebrados não foram precisamente sinodais; não responderam às necessidades e às contribuições das Igrejas de cada Continente. Os bispos japoneses, para citar um exemplo, insistiam em que "se considerasse sob uma nova luz a relação entre as Igrejas da Ásia e a Santa Sé", e especificamente pediam "um sistema de relações baseado na colegialidade e não no centralismo".

A reforma do papado e de sua cúria possibilitará -com o "automatismo" do Espírito e pelas expectativas da Igreja universal- outras muitas reformas em corresponsabilidade, em colegialidade, em inculturação, em legítimo pluralismo, em ministérios.

No Ecumenismo há algumas boas notícias, mas é tanto o caminho que falta percorrer que acabam sendo muito lentas e tímidas. O documento de Augsburg, por exemplo, entre a Igreja Católica e a Igreja Luterana, chega depois de cinco séculos de incompreensões, para acabar dizendo que ambas as partes se complementam na inefável "Justificação"...

Urge que nos sintamos todos irmãos e irmãs "separados"; nós os católicos também. Urge entender o ecumenismo como um ir e vir ao encontro do único Evangelho de Jesus de Nazaré. E urge reconhecer as respectivas tradições, bem como reconhecer a legítima autonomia das Igrejas locais, e descobrir nessas tradições e nessa autonomia a ação do Espírito "que sopra onde quer" e que nos "vai manifestando a verdade completa". Urge animar os teólogos e teólogas, ao invés de espantá-los em seu serviço de sistematização da fé e abertura de horizontes. Lamentavelmente, "durante o último papado, uns 500 deles (e delas) foram silenciados de um modo ou de outro, pelo Vaticano".

Diante do mal-estar generalizado, frente à involução programada e à obsessão por decretar, definir e fechar a passagem, querer um novo Concílio Ecumênico - dentro da próxima década, sugere o cardeal Martini- não é nenhuma frivolidade eclesial.

Que para este novo milênio não se possa repetir a amarga definição que Rahner fazia da existência da Igreja fora da Europa, como "o fruto da atividade de uma multinacional que exportou a religião como um bem que não podia ser alterado e que foi levado a todas as partes através de uma cultura e civilização consideradas superiores".

Não é derrotismo amargo nem hipercrítica irresponsável. É amor à Igreja e sobretudo ao Reino. É esperança comprometida. O cardeal Franz König, na defesa que fazia, o ano passado, do Pe. Jacques Dupuis, teólogo do diálogo inter-religioso, desabafava assim, com emoção bem eclesial: "Não posso permanecer em silêncio porque meu coração sangra quando vejo falhas tão evidentes contra o bem comum da Igreja de Deus".

Programas fraternos

Dentro das muitas celebrações -mais acertadas, menos acertadas- e respeitando todos os gostos desde que sejam evangélicos, que respeitem a alma do Jubileu, quero destacar aqui, convidando ao mesmo tempo, alguns acontecimentos próximos que nos afetam visceralmente.

- Em San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México, de 20 a 26 de janeiro se celebrará uma despedida-homenagem ao Tatic providencial, Dom Samuel Ruiz, com uma Semana de Teologia, entre outras manifestações.

- En San Salvador, de 19 a 26 de março, serão celebrados os 20 anos do martírio de nosso "São Romero da América". Entre outras atividades e celebrações, o Sicsal (Secretariado Internacional Cristão de Solidariedade com e da América Latina) realizará seu congresso.

- No Brasil dos 500 anos, mal contados, mal vividos política e economicamente, de 11 a 15 de julho, em Ilhéus, Bahia, terá lugar o 10º Encontro Intereclesial de CEBs, pelos "2.000 anos de caminhada" e como "Memória, sonho e compromisso".

- Em Belo Horizonte, de 24 a 28 de julho, será celebrado o Encontro Latino-Americano de Teologia 2000, organizado pelas Sociedades Teológicas do Brasil (Soter), da Argentina (SAT) e do Uruguai (SUT), mas com alcance continental.

- Na República Dominicana, de 1º a 7 de novembro, e com uma peregrinação ao Haiti, celebraremos a 3ª Assembléia do Povo de Deus (APD), um novo pequeno pentecostes macroecumênico.

- E aqui, dentro da Prelazia de São Félix do Araguaia, em Ribeirão Cascalheira, dias 17 e 18 de julho do ano 2001 (dois mil e um, atenção!) vamos celebrar comprometidamente a Romaria dos Mártires da Caminhada Latino-Americana, por ocasião dos 25 anos do martírio de nosso padre João Bosco Penido Burnier.

"Nós somos o tempo", ponderava Santo Agostinho. Sejamos o Jubileu, com toda a nossa vida.

Um solene ciclo de conferências, celebrado neste último ano do século, se intitulava, ansiosamente: "Em busca do paradigma perdido". Nós, irmãos, irmãs, não perdemos o paradigma, certo?

Pedro Casaldáliga

No ano 2000

São Félix do Araguaia, MT, Brasil

ANO 2002

«O mundo tornou a começar»

[circular fraterna]

Os comentários –cautelosos ou apocalípticos ou clarividentes- acerca da conjuntura, proliferam, nestes dias, nos meios de comunicação. Não vou repetir “o óbvio ululante”. O problema está em saber ler a conjuntura à luz dos sinais dos tempos, descobrindo causas, interesses, “efeitos colaterais”, jogos de vida ou morte para a família humana.

Os terrorismos, no plural

Creio, entretanto, que a toda a Humanidade e concretamente à Igreja, toca-nos tomar nota de urgência e assumirmos, corresponsavelmente, os desafios desta hora.

Começou um novo milênio, um tempo novo, que chamam de “uma mudança de época”. Nem tanto, precisamente, pelas torres gêmeas do 11 de setembro; pois há muitos outros dias, muitas torres, e muitos terrorismos, antes e depois desse 11 de setembro. Quatro terrorismos, sem dúvida, é para destacar com o fim de podermos entender e julgar corretamente os atos terroristas e as guerras de terror, os terrorismos enlouquecidos e as sistemáticas guerras imperiais. Há um terrorismo individual, cometido por qualquer assaltante em qualquer esquina ou vereda; outro terrorismo, grupal, perpetrado por qualquer facção; o terrorismo de Estado, que por vezes é do Estado de cada país ou é dos prepotentes Estados imperialistas e colonizadores, sobre tudo do mais terrorista de todos eles, ao longo dos dois últimos séculos; e o terrorismo do Sistema, hoje de capitalismo neoliberal, que é o terror econômico e social para a maior parte da Humanidade, submetida à fome, à marginalização e ao desespero.

Os desafios desta hora

Três desafios, concretamente, deve assumir com ousadia profética e liberdade evangélica a Igreja de Jesus, para ser crível e evangelizadora hoje:

- a descentralização mundializada
- a participação corresponsável
- o diálogo solidário.

A mundialização, pela graça de Deus e pelo humano processo da história, é inevitável. E essa mundialização exige o reconhecimento dos vários mundos como povos, culturas, religiões, dentro de um só mundo humano; sem primeiro, sem terceiro, sem quarto. Esse reconhecimento reclama, para que seja real e não apenas escrito, a descentralização das instâncias de planificação e de decisão. O que deve ser exigido tanto à ONU e demais organismos mundiais como à Santa Sé e às cúrias eclesiais. Somente esta

descentralização fará possível a participação corresponsável e efetiva dos varios povos e estamentos. Quem concretamente pede só a democratização da Igreja, está pedindo pouco demais. À Igreja deve se lhe pedir, e na Igreja devemos dar, mais do que democracia: vida fraterno-sororal, cogestão adulta, ministerialidade plural, liberdade evangélica.

O muito provado teólogo Juan Antônio Estrada declara lucidamente: “Hoje o catolicismo está lastrado com uma institucionalização que já não mais corresponde nem às necessidades atuais nem às exigências ecumênicas nem à sensibilidade dos fiéis. Também não conta com o consenso global da teologia, pois cada vez abundam mais as correntes e escolas que impugnam o modelo vigente e propõem mudanças a partir de um conhecimento renovado da Escritura e da Tradição”.

A propósito da participação adulta na Igreja, acaba-se de celebrar o Sínodo dedicado ao ministério episcopal. Um Sínodo que se supunha coroação de todo um serial de Sínodos por temas e até por continentes. A verdade é que este último Sínodo tem confirmado a decepção que o instrumento Sínodo vem provocando desde sua aplicação, por não ser deliberativo e decisório. Permito-me contestar fraternalmente a satisfação que o cardeal Ratzinger manifestava pelo curso dos debates deste último Sínodo: “Podia-se temer –diz o purpurado alemão- que o Sínodo se bloqueasse em torno às relações entre a cúria romana e os bispos, sobre os poderes da assembléia sinodal ou a estrutura das conferências continentais e nacionais, estrangulando deste modo a vida da Igreja”. O que estrangula a vida da Igreja é precisamente, senhor cardeal, a falta de revisão em profundidade das relações da cúria romana e os bispos, o modo de eleição dos mesmos, a restringida ministerialidade, a inculturação não efetivada, a inteira problemática da colegialidade e da corresponsabilidade. O fato de que tenham sido tão pacíficas e concordes as sessões sinodais poderia se dever à sistemática negativa de espaço oficial e à omissão resignada dos participantes. Talvez daria mais para um “nostra culpa” que para um “Te Deum” de ação de graças.

Felizmente, o Espírito e a Igreja continuam caminhando, e as bases se movimentam. A consciência e a prática de que “somos Igreja” não é apenas um movimento, é uma movimentação ao longo e largo de toda a Igreja de Jesus, que são as várias Igrejas que professam seu nome e anunciam seu Reino. Nunca como hoje, na prática e às vezes forçando barreiras, diferentes setores da Igreja e concretamente o laicato masculino e feminino têm sido tão livres e criativos, tão adultos e corresponsáveis, na leitura bíblica, no pensamento teológico, na liturgia, nos ministérios, nas pastorais, na ação social...

Estão crescendo, no mundo, um clamor e também uma ação em torno a um verdadeiro processo conciliar. Que continue e atualize e amplie o Vaticano II; que responda às grandes urgências eclesiais e às grandes expectativas da Humanidade, filha de Deus. Essa mobilização das bases dá-se também em maior escala, dentro da Sociedade como um todo. Vão sendo cada vez mais os movimentos e ações de cidadania, cooperação, solidariedade; os vários fóruns livres e alternativos à economia, ao pensamento e à política neoliberais, passando da simples contestação à proposta, da impotência à convocação eficaz.

Nesta hora kairós de mundialização e de maturidade de consciência, que é simultaneamente uma hora nefasta de novas prepotências, de macroditaduras, de fundamentalismos e de radicalizações, se impõe para nós, como um dom e como uma conquista, o diálogo, interpessoal, intercultural, ecumênico e macroecumênico. Um diálogo de pensamentos, de palavras e de corações. Não a simples tolerância, que se parece demais com a guerra fria, mas a convivência cálida, a acolhida, a complementariedade.

A queda das torres deveria ser também a queda de umas escamas que embaçam os olhos do Ocidente cristão frente ao mundo árabe e musulmano. Desde esse 11 de setembro, tão publicitado como se fosse o maior terrorismo da história, o Ocidente, cristão ou não, está necessariamente obrigado a reconhecer que o mundo árabe e o Islã existem, e que o Islã congrega mais de um bilhão de fiéis de diferentes povos e culturas. Durante muitos séculos a Sociedade ocidental e a Igreja –sempre ocidental demais- têm sido preconceito, hostilidade e guerra com o Oriente musulmano.

Nossa Agenda Latinoamericana-Mundial de 2002 propõe, precisamente, como grande tema desta hora, “as culturas em diálogo”, e a Agenda’2003 proporá, concretizando esse tema, o diálogo inter-religioso: “as religiões em paz dentro de si e entre si, para a paz do mundo”; e a Agenda’2004, se Deus nos conceder ainda tempo de caminhada, estará dedicada, com espírito de conversão, aos “nossos respectivos fundamentalismos”.

A campanha contra o Banco Mundial, realizada em Barcelona durante o passado mês de junho, estruturava-se em torno a sete eixos de debate e ação, que abrangem amplamente os maiores desafios e prospectivas desta hora:

- democracia, participação e repressão
- direitos sociais e trabalhistas
- migrações
- direitos ecológicos, direitos ambientais, modelo agro-alimentar
- globalização e militarismo
- mulher e globalização
- globalização e desenvolvimento.

Mística para o caminho

Esses processos de mundança, que são sonho e missão, reclamam de todos nós, cristãos ou não, uma forte espiritualidade, uma mística de vida. Cada qual a viverá segundo a respectiva fé, porém sem essa espiritualidade não se faz caminho. Pensando nisso, e a raiz do retiro espiritual que celebramos todos os anos, a equipe pastoral da Prelazia à beira do Araguaia, naquele morro acolhedor de Santa Terezinha, eu resumia assim essa espiritualidade, tão nova e tão antiga, como sendo espiritualidade de:

- Contemplação confiada. Abrindo-se mais gratuitamente ao Deus Abbá, que é, por autodefinição suprema, misericórdia, amor. Uma contemplação mais necessária do que nunca nestes tempos de eficiências imediatas e de visibilidades. Confiada, digo, porque tenho a impressão de que volta – o quiçá nunca foi embora- a religião do medo, do castigo, da prosperidade ou do fracasso, segundo como a gente se haver com Deus. Falta-nos, pois, confiança filial, infância evangélica, a descontraída liberdade dos pequenos do Reino.
- Coerência testemunhante. Tem-se repetido até a saciedade que vivemos na civilização da imagem, que o mundo quer “ver”. O testemunho foi sempre uma espécie de definição do ser cristão. “Vocês serão minhas testemunhas”, dizia Ele por toda recomendação, por todo testamento. E esse testemunho, hoje mais do que nunca, quando tudo se vê e tudo se sabe, tem de ser coerente, sem fisuras, na vida pessoal e na gestão estrutural da Igreja (que poderá ser a Igreja Católica ou uma Igreja Evangélica, o Vaticano, uma diocese, uma congregação religiosa, uma comunidade). Veracidade e transparência pede o mundo, tão submetido à mentira e à corrupção.
- Convivência fraterno-sororal. A isso se reduz o mandamento novo. Este é o desafio maior e o mais cotidiano para as pessoas, para as comunidades, para os povos. Conviver, não coexistir apenas; conviver carinhosamente em fraternura e sororidade; não apenas em tolerância mútua. Ajudar a tornar a vida agradável. Ser “sal da terra” deve significar isso também.
- Acolhida gratuita e servicial. Capacidade de encontro e de diaconia. Não somente descer do burro e atender o caído quando por casualidade a gente o encontrar à beira do caminho, mas se fazer encontradiço. Acolher às vezes somente com uma palavra ou com um sorriso, porém acolher sempre, gratuitamente. Fazer de todos os ministérios e de todas as profissões aquele serviço desinteressado e generoso que nos propunha aquele Senhor que não veio a ser servido mas a servir. É mais fácil celebrar uma eucaristia ritual que exercer um lava-pés engajado.
- Compromisso profético. Continua a ser a hora, e talvez mais do que nunca, de se comprometer profeticamente contra o deus neoliberal da morte e da exclusão e em favor do Deus do Reino da Vida e da Libertação. É preciso sugar da fé toda a sua força política. Viver a fé militantemente, transformadoramente; fazer da profecia uma espécie de hábito conatural -fruto específico do batismo para os cristãos e cristãs-, de denúncia, de anúncio, de consolação. A caridade socio-política é a caridade mais estrutural. Vai às causas, não somente aos efeitos. Cuida a Vida. Transforma a História. Faz Reino.
- Esperança pascal. Depois da “morte de Deus” e da “morte da Humanidade”, nesta posmodernidade facilmente sem sentido, e já no “final da história”, parece que a esperança não tem muito a fazer. Hoje, mais do que nunca, se impõe a esperança! Ela é a virtude dos “depois de”. “Contra toda esperança” (produtivista, consumista, imediatista, pasiva), esperamos. Devemos proclamar humildemente, porém sem complexos, nossa esperança pascal e escatológica.

E devemos torná-la crível aqui e agora. Porque esperamos, agimos. O tempo e a história são o espaço sacramental da esperança.

Aquí, em casa

Dentro de casa, na Prelazia de São Félix do Araguaia, 2002 significa um ano de “transição”. Oficialmente, o último ano de “mandato” (oxalá tenha sido de serviço) do primeiro bispo desta prelazia. Isso nos conova a uma revisão e também a afirmarmos, modestamente mas conscientemente, as linhas fundamentais da nossa pastoral. Depois de vários anos de experimentação, acabamos de aprovar o “Manual da Prelazia de São Félix do Araguaia – Objetivo, atitudes, normas”. Uma espécie de directorio espiritual e pastoral, breve porém denso, que recolhe o objetivo da nossa Igreja, as atitudes maiores que devemos cultivar e uma série de normas que configuram a estrutura e a ação desta Igreja particular de São Félix do Araguaia.

Evidentemente fazemos questão de recordar que, “bispo-indo-bispo-vindo”, a Igreja continua. Sonhamos, então, com uma continuidade livre e criativa. O mesmo Povo, o mesmo Evangelho, o mesmo Brasil da América Latina. A mesma Igreja de Jesus, que é também para nós a de Medellín...

E a dos Mártires. Nos dias 14 e 15 de 2001, celebramos no Santuário dos Mártires da Caminhada Latinoamericana, em Ribeirão Cascalheira, a grande romaria aniversário dos 25 anos do martírio do Pe. João Bosco Penido Burnier. Com o lema que resume esses sonhos cristãos de nossa pequena Igreja e deste bispo de fim de linha: “Vidas pelo Reino”. O mantra, que Zé Vicente nos musicou e que já se canta por esse Brasil afora, expressa sentidamente o que com o lema queríamos dizer:

“Vidas pela Vida,
vidas pelo Reino,
todas as nossas vidas,
como as suas vidas,
como a vida d’Ele,
o mártir Jesus”.

Na região da Prelazia, como em todo o Brasil, toca-nos viver um ano de eleições. Para presidente, governadores, senadores e deputados, federais e estaduais. Os nomes e os dados estão no ar, e os interesses e as intrigas também. As forças da direita, as eternas oligarquias, a elite privilegiada e por isso mesmo conservadora, conchavam, aparentemente divididas, confluindo porém em última instância quando se tratar de assegurarem o poder. As direitas, pelos seus interesses, têm o don da união; as esquerdas, pelas suas tendências, têm o nefasto carisma da divisão. Assim e tudo, acho que cresceu a consciência política do nosso povo e a vontade de mudança. A crua realidade diária de desemprego, de carestia, de corrupção e violência, grita. Há muito movimento popular andando, muitas expressões de cidadania e as pastorais sociais estão enraizadas e ativas no país. Mesmo quando devamos admitir que ainda, na hora

de votar uma mudança mais ou menos radical, os pequenos não podem e os grandes têm o poder do dinheiro e dos meios de comunicação. Faça, porém, ou não faça o povo seu predidente popular, votar é indispensável, e o povo pode fazer senadores e deputados. Ir transformando as Assembléias Legislativas e o Congresso Nacional é uma das maiores urgências políticas do Brasil.

Para “uma terra sem males”

A Campanha da Fraternidade de este ano 2002 é uma bela convocatória à luta e à esperança. “Fraternidade e Povos Indígenas” é o tema. Com o lema do mito fundamental do povo guaraní: “Por uma terra sem males”. É pedir muito, mas é o que Deus quer e é o que nós necessitamos. Como lembrávamos na última Assembléia Nacional do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), essa “Terra sem males” deve se traduzir sobretudo numa “economia sem males”, numa democracia sem os males do privilégio e da exclusão, numa sociedade participativa, solidária, livre e fraterna. Num mundo novo, que é possível e é necessário.

Que “o mundo tornou a começar” poderá soar à muita utopia. E é muita utopia mesmo. Porém, com muito fundamento. “Sabemos em Quem confiamos”. O Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI) adota e adapta, em sua última felicitação de Natal, a palavra do jagunço arrependido, Riobaldo, para cantar “à criança nascida de Maria que enche de esperança o coração de todos e nos leva a proclamar: Minha Senhora Dona! Um menino nasceu, o Mundo tornou a começar!”. Aí Riobaldo, o CEBI e esta carta circular estão de acordo com a promessa de Deus: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5)

Pedro Casaldáliga
bispo de São Félix do Araguaia, MT, Brasil
araguaia@ax.apc.org

ANO 2003

Na hora escura do amanhecer

[circular fraterna]

Passaram-se dois anos do novo século XXI e o Mundo continua cruel e solidário, injusto e esperançado. Ainda há guerra e há império, e o império acaba de inventar a guerra preventiva. Ainda o Mundo se divide pelo menos em três: Primeiro, Terceiro e Quarto.

A fome, a pobreza, a corrupção e a violência têm aumentado; mas aumentaram também a consciência, o protesto, a organização, a vontade explícita de alternatividade.

Aquele selo místico, que Rahner profetizara para este novo século, aparece sem dúvida, com muitos rostos, em confusão e em diálogo também. As Religiões são cada vez mais pluralismo religioso, e haverão de ser convivência e intercâmbio. A fé se refrata em mil nomes e mil buscas e a fé convivida fraternalmente será o grande suporte da esperança humana.

Deus está à vista. À vista está Humanidade nova.

Existe um crescente, incontrolável, anseio de mudança. Em mensagens e fóruns e plataformas a consigna básica é: “Queremos outra coisa!” Queremos um outro Mundo, porque um outro Mundo é possível, e necessário e urgente. Um Mundo uno, sem primeiros nem terceiros, sem impérios e sem genocídios, sem lucros sanguinários e sem exclusões desesperantes. Queremos uma outra América, dizemos concretamente aqui: sem dominações e sem alcas, em fraterna União. Queremos uma outra Igreja também, sem “classes”, sem centralismos, sem rixas denominacionais.

No Mundo esta vontade de mudança expressa-se no Fórum Social Mundial e nos fóruns regionais. Em Nossa América, a mudança mais significativa chama-se agora Lula, com projeção de esperança para todo o Continente. Na Igreja as inquietudes estão convergindo na proposta de um processo conciliar, que parecerá inoportuna a certos espíritos involucionistas, e que entretanto traduz mui eclesialmente a vontade multitudinária de ser e de fazer uma outra Igreja: mais ao lado dos pobres do Reino, mais inculturada, mais samaritana, mais sinodal, mais corresponsável, mais fraterna. Não é nenhuma inoportunidade sonhar com o Concílio Vaticano III ou com o México I o com um Bombai bem asiático...

A verdade é que estamos cansados de dominação e de falta de transparência, nas diferentes esferas públicas e nas secretas esferas pessoais. Este nosso Mundo e este nosso pequeno coração, tão maus aparentemente, carregam um profundo peso de boa vontade, de sede de Verdade, de fome de Vida e de Deus. Os signos dos tempos,

apesar de tantos anti-signos, são até luminosos, esperançadores. Como diz o provérbio sefardita, “a hora mais escura é quando vai amanhecer...”

Nesta Prelazia de São Félix do Araguaia, nossa adolescente Igreja particular, estamos também de mudança. Neste ano eu completo os 75 e, como é de rigor canônico, renuncio à mitra. Nos últimos meses tivemos um período bastante fecundo de “transição”, com as Assembléias regionais e a promulgação do Manual -objetivo, atitudes, normas, que é referencial e guia da nossa caminhada.

Nesta hora e com esta breve circular, quero agradecer, em nome de todo o Povo da Prelazia e de toda a Equipe Pastoral, a solidariedade, a colaboração, a presença, gratuita e incondicional, de tantas amizades e instituições que vêm nos acompanhando e possibilitando nossa missão e suas estruturas de serviço. Em primeiríssimo lugar, recordamos evidentemente os/as agentes de pastoral que aqui suportaram “o peso do dia e do calor”, e me suportaram a mim. A lista, de agentes e de amizades, é longa demais para citar nome por nome. Deus os tem todos escritos no Livro da Vida. Algumas amizades e entidades vêm nos acompanhando desde a primeira hora e sobretudo nos acompanharam nas horas da repressão e da incompreensão. Eu sei que nossas amizades e essas entidades -vocês- continuarão sendo amizade, solidariedade, presença, para a Prelazia de São Félix do Araguaia. Somos já todos/todas gente de casa, empresa de família, uma parcela pequena mas estimulante do Reino de Deus “entre o Araguaia e o Xingu, o Pará e o Travessão”.

Pessoalmente sinto-me como quem espera num ponto de ônibus, sem saber bem nem a hora nem o destino imediatos, sabendo porém que continuaremos em comunhão a humilde viagem humana para a Casa paterno-maternal.

O provérbio sefardita fala da luz do amanhecer; um provérbio universal diz que na hora do ocaso nenhuma luz ofusca... Faço meus nesta hora uns versos de “El hombre de la Mancha”, que me traduzem expressivamente:

“Sonhar mais um sonho impossível.
Lutar quando é fácil ceder.
Vencer o inimigo invencível.
Negar quando a regra é vender.
Quantas guerras terei que vencer por um poço de paz!
E amanhã, se esse chão que eu beijei
for meu leito e perdão,
vou saber que valeu delirar
e morrer de paixão!”

E nesta hora, e em todas as horas, valha sobretudo a consigna que as Irmãzinhas de Jesus nos recordaram, celebrando na Prelazia seus 50 anos de presença no meio do povo Tapirapé: “Gritar o Evangelho com a vida”.

Não nos despedimos. Seguiremos unidos, na Paz militante do Reino.

ANO 2004

Passar fazendo caminhos

[circular fraterna]

As cartas e as mensagens de solidariedade têm se acumulado, no coração, nas pastas e no computador, e reclamam faz dias uma merecida resposta. Minha e de toda a nossa Igreja de São Félix do Araguaia. Para todas as pessoas e entidades que nos vêm acompanhando, com tanto carinho, nestes meses de ansiedades. Como é bom, cantamos com o salmo, sentir sobre a vida o óleo da comunhão fraterna!

Eu esperava poder responder com notícias concretas, tanto sobre o problema dos indígenas Xavante como sobre a chegada de um novo bispo à Prelazia. Mas “as coisas de palácio vão devagar”, na Sociedade e na Igreja. A causa Xavante está nas mãos da lenta Justiça, de audiência em audiência, de laudo em laudo, enquanto as famílias Xavante esperam, postadas à margem da estrada, faz meses. A sucessão episcopal, por sua vez, está-se fraguando no secretismo dos recôncavos canônicos. “Que surrealista é tudo isso!”, ponderava um jovem solidário.

Novidades?

Nos dias 2 e 3 de março, aniversário da vitória dos posseiros sobre a fazenda Codeara, celebramos em Santa Terezinha, com muita unção, o 25 aniversário da morte pascal do Pe. Francisco Jentel, “testemunha do Evangelho, defensor do Povo do Araguaia, pioneiro do verdadeiro progresso em nossa região”. Em nome do CIMI e da CPT, acompanhou-nos Dom Franco Masserdotti, presidente nacional do Conselho Indigenista Missionário.

Além das ameaças já conhecidas que nos têm rondado ultimamente, o Pe. Geraldo Magela Ribeiro, redentorista, foi agredido fisicamente em plena rua de Confresa, por seu empenho pastoral em combater a corrupção.

Toda a região da Prelazia viu-se afetada pelas enchentes, com muitas famílias desabrigadas e cortadas todas as estradas que dão acesso a vários municípios. Levamos 35 anos andando por “maus caminhos”!

Por esse mundo afora, a ditadura macroeconômica, a globalização neoliberal, vem fracassando na hora de resolver os problemas maiores da fome, da violência e do desemprego. Espalha-se o pessimismo no planeta, segundo a pesquisa da Gallup, realizada para o Fórum Econômico Mundial de Davos. A grande maioria humana acha que a próxima geração viverá num mundo menos seguro e que seu respectivo país é menos próspero hoje do que 10 anos atrás. (O que não impede que subam as bolsas e que os operadores e banqueiros recebam lucros substanciosos...). Oportunamente o

Secretário Geral da ONU, Kofi A. Annan, recordava aos países “mais privilegiados” que há outro terrorismo mais estendido e escandalosamente tolerado (e produzido sistematicamente): “as ameaças mais familiares da pobreza”.

Há muitos conflitos ignorados, muitos são os mortos que não aparecem na televisão e são muitos os dias 11, além do 11 de setembro e o 11 de março. Mais de 10 milhões de crianças morrem cada ano por doenças evitáveis. “Cada 7 segundos morre de fome uma criança menor de 10 anos. Cada uma dessas mortes é um assassinato”, afirmava Jean Ziegler, relator especial da ONU para o Direito à Alimentação. África é um verdadeiro holocausto silenciado. A política e os meios de comunicação continuam sendo manipulados pelos poderes econômicos e a desinformação a serviço desses poderes prolifera sistematicamente num mundo super-informatizado. Os incipientes governos de esquerda, em Nossa América, se consomem entre os propósitos e a impotência.

Também na Igreja (nas Igrejas) alastra-se um certo pessimismo, manifestado em encontros mais ou menos marginais e em reivindicações impacientes. Sente-se o peso das “reformas” posconciliares de involução, o final de um longo pontificado, a multiplicação de documentos e controles, a co-responsabilidade sempre pedida e prometida, porém só muito simbolicamente outorgada. Chamou-me a atenção saber que se convocava, em Einsiedeln, um segundo encontro “para os leigos desiludidos com a Igreja”. É, um pouco a velha cantilena, atualizada: Deus sim, Cristo não; Cristo sim, Igreja não; Igreja sim, hierarquia não; hierarquia sim, mas outra. Um compreensível mal-estar no religioso institucional.

E, entretanto, a vida se move. E a esperança continua a ser um bem comum, patrimônio histórico e escatológico da Humanidade. “Tudo é comum, inclusive Deus”, afirmava Beaudelaire; sobretudo Deus, poderíamos corrigir ao poeta. E nessa “comunidade” do Deus comum vamos sendo, apesar de todos os pesares neoliberais ou fundamentalistas, a grande comunidade humana, mais livre, mais solidária, mais fraterna.

O diálogo também se move. E se move em direção à Justiça. Dentro do Fórum Universal das Culturas, que se celebra em Barcelona, realiza-se o terceiro Parlamento das Religiões do Mundo, com o lema de fundo “Caminhos para a paz: a sabedoria da escuta, a força do compromisso”. Acabo de ler um livro de Christian Duquoc, “Cristianismo, memória para o futuro”. Evidentemente, para que seja uma memória honesta para o futuro, terá de ser um compromisso sério com o presente. “O futuro nos corresponde aos de baixo”, proclamava numa entrevista Rafael Alegria, Secretário Internacional de “Vía Campesina”. Eu gosto de repetir que “somos pobres, / porém somos / maioria e o futuro”. Frente a todas as “alcas” neoliberais e imperialistas, e alongando quanto for possível a mira e a coerência, “nós propomos a Alba”: alma nova, tempo novo; o outro mundo possível, necessário, urgente.

Nestes dias me acompanhavam, como um ritornelo, tal vez por isso da velhice e da aposentadoria, aqueles versos de Antonio Machado, cantados por Serrat:

“... pero lo nuestro es pasar,
pasar haciendo caminos,
caminos sobre la mar”.

Com o carinho e o respeito que o grande Antônio merece, hei de corrigi-lo em sua angustiada visão: “passar fazendo caminhos”... sobre a terra, mestre!. Morreu, no ano passado, o poeta Martí i Pol, uma espécie de Machado catalão, que nos advertia com humano realismo que “difícilmente caminharemos / com os olhos voltados para cima”. Sobre a terra, então, os olhos, os pés e as mãos; mesmo ancorando os corações no Céu. Com uma bem-humorada humildade e com pragmatismo histórico. Sabendo, com Brecht, que “é preciso mudar o mundo” e que “depois terá que mudar o mundo mudado”. Mas sabendo, sobre tudo, que o Amor tem a última palavra. María Pilar, uma mãe que perdeu seu jovem filho nos atentados de Madri, escreveu em sua carta pública: “Somos mais os que amamos”, e, entre esses mais, está Deus.

Pedro Casaldáliga
São Félix do Araguaia, MT, Brasil
abril 2004

ANO 2005

Mas o vento continúa

[circular fraterna]

Tem sido uma autêntica avalanche de mensagens de solidariedade, preocupadas e até indignadas algumas, e já finalmente, muitas, exultantes. Hoje, como nunca, deveria eu responder pessoalmente, mensagem por mensagem, coração a coração. Chegaram também, neste tempo de vigília expectante, muitas perguntas, muitos desabaços; sobre este nosso Mundo neoliberal, sobre a nossa santa e problemática Igreja. Envio as perguntas e as ansiedades ao Espírito d'Aquele que é "nossa Paz". E crentes e agnósticos, serenos e rebeldes, elas e eles, dêem-se todos por respondidos com um carinho imenso. Assim, tão facilmente, os bispos aposentados despachamos as cargas...!

Temos recebido muita solidariedade com respeito à reivindicação do povo Xavante, que continua estancada em mãos de uma justiça lentíssima. O outro motivo de solidariedade para com a nossa pequena Igreja de São Félix do Araguaia tem sido, logicamente, a sucessão episcopal. Não vou entrar em detalhes porque já se tem escrito bastante sobre esse incidente eclesial. Nós queremos insistir em que o problema não era apenas um bispo, uma Igreja. O problema é de toda a Igreja e para a nomeação de todos os bispos e é uma reivindicação maior de co-responsabilidade e de colegialidade. Para sermos fiéis ao Evangelho e para darmos testemunho ao Mundo. Felizmente o novo bispo de São Félix do Araguaia, frei Leonardo Ulrich Steiner, é um franciscano verdadeiro, fraterno, dialogante, popular. E a caminhada continua. E eu continuarei também aqui, à beira do Araguaia, acompanhando à distância as lutas dos nossos povos e curtindo, em esperança pascal, a tarde da vida.

O império quer "um mundo sem tirania". Nós também; sobre tudo sem a tirania do império. E quer o império "a propagação da liberdade". Nós contestamos indignados que essa liberdade seja somente para o mercado e para alguns senhores países.

Tirantias há, demais, em todos os níveis da vida social, econômica, política, cultural. Segundo o informe anual da ONU, ainda há 1,1 bilhão de pessoas que sobrevivem com menos de US\$1 por dia. Continuam morrendo diariamente, de fome, 30.000 crianças pobres. Nos últimos 40 anos o PIB mundial duplicou-se enquanto se triplicava a desigualdade econômica. 900 milhões de pessoas –a sétima parte da população mundial- sofrem discriminação étnica, social ou religiosa. 170 milhões de pessoas vivem flutuando na migração. 44% da população latino-americana mora em bairros miseráveis. África continua sangrando, entre ignorada e espoliada. E há países em nosso mundo como "marcados para morrer", tal vez por uma possível guerra preventiva...

Há, porém, "muito bem vencendo o mal", em nosso Mundo ferido. Realizamos novamente o Fórum Social Mundial; Via Campesina cresce e atua; desmascaramos, e

em parte freamos, a ALCA; Israel e o Povo Palestino dialogam sobre passos concretos; a esquerda levanta cabeça em vários países da Nossa América e da Europa e cresce “o mal-estar (e o protesto) face à democracia neoliberal”. Se vêm sendo desmoralizados os partidos e os sindicatos, cresce entretanto o movimento popular com suas manifestações em escala nacional, continental e mundial. Começou a andar o Protocolo de Kyoto. E somos cada vez mais os que gritamos, com Inácio Ramonet, “sim à solidariedade entre os 6 bilhões de habitantes de nosso planeta; não ao G-8 e ao Consenso de Washington; não ao domínio do “pôquer do mal” (BM, FMI, OCDE, OMC); não à hegemonia militar de uma única superpotência; não às guerras de invasão e não ao terrorismo...” E resume Ramonet, e nós com ele, que “resistir é dizer que não e é também dizer que sim e sonhar que outro mundo é possível, e contribuir para construí-lo”.

Outra Igreja é possível também e de todas partes e de muitos modos a estamos construindo. Sendo comunidade de oração, de fraternidade, de compromisso. Brasil realizando o XI Encontro Intereclesial das CEBs e reanimando-se as CEBs do Brasil, do Continente, do Mundo. Celebrando, juntamente com o Fórum Social Mundial, o Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Celebrando o jubileu martirial do nosso São Romero e a memória comprometedora de todos os nossos mártires. Retomando a opção pelos pobres e pelas suas causas. Denunciando profeticamente os “genocídios sociais” e a iniquidade do império e de suas oligarquias. Sendo ecumenismo real e diário. Sendo diálogo inter-religioso. Alentando o processo conciliar, como uma reivindicação evangélica crescente e como a melhor comemoração dos 40 anos do Vaticano II. Vivendo, enfim, nossa fé de um modo adulto e co-responsável, “para a vida do Mundo”. E vá uma confiança eclesial, de bispo velho que continua sonhando. Outra vez, por ocasião de mais um problema de saúde de João Paulo II, tem-se falado e escrito muito sobre o perfil do próximo papa. Eu penso que se deveria falar muito mais -falar e fazer- do perfil do novo papado, de uma re-estruturação radical disso que chamamos a Sé Apostólica, de um novo modo do ministério de Pedro: sensível, como o coração de Jesus, ao clamor da pobreza, do sofrimento e da deriva; sem estado pontifício e com uma cúria leve e serviçal; profeticamente despojado de poder e de fausto; apaixonado pelo ecumenismo e pelo diálogo inter-religioso; desabsolutizado e colegial; descentralizador e verdadeiramente “católico” no pluralismo cultural e ministerial; como uma mediação religiosa –em colaboração com outras mediações, religiosas ou não- a serviço da paz, da justiça, da vida.

Van Gogh, apesar de ter visto cair em sua vida tantos moinhos, reais ou simbólicos, escrevia a seu irmão Theo: “Mas o vento continua”. Depois de vermos, também nós, como vão caindo tantos moinhos, na Sociedade e na Igreja, seguimos proclamando – na Esperança e no Compromisso- que “o Vento continua”...

Pedro Casaldáliga
São Félix do Araguaia, MT, Brasil
Fevereiro 2005

ANO 2006

Utopia necessária como o pão de cada dia

[circular fraterna]

«Poesía necesaria como el pan de cada día» diz o poeta. Poesia e utopia rimam bem, e ambas nós são totalmente indispensáveis para atravessarmos o túnel. Não aceitamos essa sociedade oficial que reduz a vida humana a mercado ou, no melhor dos casos, se propõe o objetivo, sempre adiado, de reduzir a fome à metade...

Estamos indignados e perplexos. Muitas vozes, de muitos ângulos, confessam que estamos em crise. E que, estando assim as coisas, não vai bem nem para Deus nem para o Mundo.

Estar em crise, entretanto, não é necessariamente uma desgraça. A crise é a febre do espírito. Onde há febre há vida. Os mortos não têm febre.

Não se trata de ignorar a realidade. Mais ainda: é preciso assumi-la e transformá-la, radicalmente. Agora já não mais nos conformamos com proclamar que «outro mundo é possível»; proclamamos que é fatível e o fazemos. A Agenda Latinoamericana Mundial, que estamos preparando para o 2007, intitula-se precisamente «Exigimos e fazemos outra democracia». «Lá embaixo –com o povo- e à esquerda», definem os zapatistas na «outra campanha». E já se tem anunciado que vamos «para o Socialismo do século XXI», com «a Humanidade como sujeito» da mudança.

A utopia é necessária porque a desigualdade entre ricos e pobres aumenta, segundo a ONU, inclusive em países do Primeiro Mundo. Nossa América, segundo a OEA, é a região mais injusta, por essa desigualdade sistemática. Há mais riqueza na Terra, mas há mais injustiça. África tem sido chamada «o calabouço do mundo», uma «Shoá» continental. 2,5 bilhões de pessoas sobrevivem, na Terra, com menos de 2 euros por dia e 25 mil pessoas morrem diariamente de fome, segundo a FAO. A desertificação ameaça a vida de 1,2 bilhão de pessoas numa centena de países. Aos emigrantes lhes é negada a fraternidade, o chão debaixo dos pés. EEUU constrói um muro de 1.500 Km contra a América Latina; e Europa, ao sul da Espanha, levanta uma cerca contra a África. Tudo isso, além de iníquo, é programado. Um imigrante africano, numa comovedora carta escrita «atrás dos muros de separação», adverte: «Peço-lhes que não pensem que é normal que vivamos assim, porque, de fato, é o resultado de uma injustiça estabelecida e sustentada por sistemas desumanos que matam e empobrecem... Não apoiem esse sistema com seu silêncio».

Mas a Humanidade «se move»; e está dando uma virada para a verdade e a justiça. Há muita utopia e muito compromisso neste Planeta desencantado. Alguém já recordou que o Século XX «foi um imenso cemitério de impérios: o britânico, o francês, o português, o holandês, o alemão, o japonês e o russo». Fica, balançando, o império

estadunidense, que vai cair também. América Latina se distancia da tutela dos Estados Unidos e Ásia deu também as costas aos Estados Unidos, na primeira cúpula organizada pela ASEAN. A UNESCO declarou Patrimônio da Humanidade a Diversidade Cultural. O Século XXI –que já sabemos que será um século místico- será também o século do Meio Ambiente. O diálogo ecumênico e o diálogo inter-religioso crescem em vários níveis, como um novo paradigma da fé religiosa e da paz mundial. As Igrejas, as Religiões, vão se encontrar necessariamente e terão de fazer a paz para a paz do Mundo. Na Igreja Católica, dentro de uma monótona continuidade oficial, que já se esperava, muitas comunidades e muitos coletivos de reflexão teológica e de pastoral sabem ser simultaneamente fiéis e livres. Vamos aprendendo a ser Igreja adulta, una e plural. Se rechaçamos a ditadura do relativismo, também rechaçamos a ditadura do dogmatismo. Não permitiremos que o Concílio Vaticano II seja um «futuro esquecido»; e até urgimos o processo de preparação de um novo Concílio, verdadeiramente ecumênico, que contribua a partir da fé cristã na tarefa maior de humanizar a Humanidade. Em Nossa América está se preparando a V Conferência Episcopal, chamada «CELAM V». Um primeiro texto, de consulta, resulta pouco estimulante, como escrito «por teólogos que já estão no céu» ironiza um velho teólogo. Teremos que suprir alternativamente e não permitir que esse CELAM V esqueça Medellín. Há prioridades sócio-pastorais, em Nossa América, que nos exigem realismo e utopia, coerência e compromisso, sem possível adiamento.

Aqui, em casa, na Prelazia de São Félix do Araguaia, seguimos caminhando, agora com o bispo Dom Leonardo. Desafios não nos faltam. Continua sem solução o acampamento frente à fazenda Bordolândia, já desapropriada; a Gleba Liberdade, de acampados também, há quase 3 anos esperando; e a aldeia Xavante Marawatsede com treze anos de tensão. (As políticas agrária e indigenista do nosso Brasil estão atoladas, por «respeito» ao latifúndio, ao agronegócio e à bancada ruralista). Na Assembléia Pastoral deste ano reafirmamos as três prioridades da nossa Igreja particular: formação, autonomia, pastoral sócio-política.

Estamos nos preparando para a grande Romaria dos Mártires da Caminhada, em Ribeirão Cascalheira, nos dias 15 e 16 de julho, por ocasião do trigésimo aniversário do martírio do Padre João Bosco Penido Burnier. Com o nosso Pe. João Bosco faremos memória também de todos aqueles e aquelas que vêm dando a sua vida pelo Reino, particularmente em Nossa América. O tema da Romaria é «Vidas pelo Reino da Vida». Entre tantas memórias destacamos a figura do patriarca da causa indígena, Sepé Tiarajú, no 250 aniversário de sua heróica morte.

Fazer memória do martírio é vital para cada povo, vital para a Igreja de Jesus. Se perdemos a memória dos mártires, perdemos o futuro dos pobres.

Eu, no meu sossego de aposentado, experimentando «a pobreza biológica» com as suas limitações. Em compensação tenho podido editar alguns livros, como filhos da velhice. Permite-se um comercial?: «Murais da Libertação», com Cerezo Barredo, ed. Loyola; «Orações da Caminhada», ed. Verus; «Cuando los días dan que pensar», ed. PPC; «Cartas Marcadas», ed. Paulus/Brasil; «Con Jesús, el de Nazaret», com José Luiz

Cortés, ed. PPC; «Los ojos de los pobres», com Juan Guerrero, em castelhano e em catalão, ed. Ediciones 62.

Sigamos editando utopia, compromisso, transparência, vida. E recordemos que a utopia deve ser verificada na práxis diária, que «a esperança somente se justifica naqueles que caminham» e que «nos é dada para servir aos desesperançados». Para este serviço penso que hoje nos é pedido, sobretudo, um testemunho coerente, uma proximidade samaritana, uma presença profética.

A todos, a cada um e a cada uma a quem devo amizade, gratidão e carta, um forte abraço na paz militante do Evangelho.

Pedro Casaldáliga
São Félix do Araguaia, MT, Brasil
janeiro 2006

ANO 2007

A verdade, Pilatos, é...

[circular fraterna]

*Em fraterna comunhão total
com Jon Sobrino,
teólogo do Deus dos pobres,
companheiro fiel de Jesus de Nazaré,
testemunha dos nossos mártires.*

Que é a verdade? Quem tem a verdade? Qual é a política verdadeira? Qual é a verdadeira religião? Essas perguntas, com tom diverso e às vezes provocando desconcerto e indignação, são perguntas universais e de cada dia e não as podemos ignorar, nem na política, nem na religião. A globalização, se por um lado nos amarra ao lucro desalmado, por outro lado nos proporciona espaços novos de diálogo e convivência, na verdade compartilhada.

Nossa Agenda Latinoamericana Mundial, nestes anos de 2007 e 2008, pergunta pela verdadeira democracia e denuncia a falsa política. Em 2007, “Exigimos e fazemos outra democracia”; e, em 2008, “A política morreu, viva a política”.

Aqui, em Nossa América, no meio de ambigüidades, crispações e desencantos, estase dando uma virada para a esquerda. Mas, em congressos e publicações, estão-se fazendo as perguntas inevitáveis: O que é a esquerda, o que é a democracia, qual é a verdadeira política, qual é a verdadeira religião, qual é a verdadeira igreja?

Não tem dúvida que caminhamos, apesar das dramáticas estatísticas que o PNUD e outras instituições de opinião nos dão. São 834 milhões de pessoas as que passam fome no mundo e cada ano são 4 milhões mais. Um 40% da população mundial vive na pobreza extrema. Na América Latina são uns 205 milhões de pessoas na pobreza. Na África Subsaariana são 47 milhões. O economista Luís de Sebastián recorda que “África é pecado de Europa”, a maior dívida atual da Humanidade. O mundo gasta anualmente um trilhão de dólares em armas, quantidade 15 vezes superior à quantidade destinada à ajuda internacional... A desigualdade em nossa aldeia global é uma verdadeira blasfêmia contra a fraternidade universal. Um exemplo: a renda anual das pessoas mais ricas (em média) dos EE UU é de 118.000 dólares; e a renda anual das pessoas mais pobres (em média) de Serra Leoa é de 28 dólares.

Caminha o diálogo ecumênico e inter-religioso, mas ainda nas margens, minoritário ainda. O fenômeno grave e mundial da migração está exigindo respostas e decisões que afetam aos diferentes povos e culturas e religiões. De quem é a verdade? De quem não é?

A Igreja, a Igreja católica, celebra, em Aparecida, (Brasil), neste mês de maio, a V Conferência do Episcopado Latinoamericano e Caribenho. E já se têm levantado vozes, sinceras e dignas de toda participação, cobrando “o que não pode faltar em Aparecida”: a opção pelos pobres, o ecumenismo e o macroecumenismo, a vinculação de fé e política, o cuidado da natureza, a contestação profética ao capitalismo neoliberal, o direito dos povos indígenas e afroamericanos, o protagonismo do laicato, o reconhecimento efetivo da participação da mulher em todas as instancias eclesiais, a corresponsabilidade e a subsidiariedade de toda a Igreja, o estímulo às CEBs, a memória comprometedora dos nossos mártires, a inculturação sincera do Evangelho na teologia, na liturgia, na pastoral, no direito canônico.

Em fim, a continuidade, atualizada, da nossa “irrenunciável tradição latinoamericana” que arranca, sobretudo, de Medellín.

O tema do V CELAM é: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que n’Ele os nossos povos tenham vida. Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. (As discípulas e missionárias, não entrando no enunciado, esperamos que entrem nas decisões da Conferência...). O discipulado e a missão são a vivência concreta e apaixonada do seguimento de Jesus, “na procura do Reino”. O teólogo A. Brighenti assinala que o déficit eclesiológico do Documento de Participação se expressa, sobretudo, no eclipse do Reino de Deus, citado apenas duas vezes em todo o documento. Por que será que se tem tanto medo ao Reino de Deus, que foi a obsessão, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus?

Nessa Conferência do CELAM não está tudo tranqüilo. Com um gesto mais do que suspeito, agora, nas vésperas da Conferência, estourou o processo do nosso querido Jon Sobrino. Muito sintomático, porque um cardeal da Cúria romana já tinha declarado que antes de Aparecida estaria liquidada a Teologia da Libertação. Esse ilustre purpurado terá de reconhecer, imagino, que depois de Aparecida continuará vivo e ativo o Deus dos pobres, e continuará subversivo o Evangelho da libertação; e que infelizmente a fome, a guerra, a injustiça, a marginalização, a corrupção, a cobiça, continuarão a exigir da nossa Igreja o compromisso real ao serviço dos pobres de Deus.

Eu escrevi a Jon Sobrino, recordando-lhe que somos milhões os que o acompanhamos e é, sobretudo, Jesus de Nazaré quem o acompanha. Recordava a Jon aquela décima que escrevi a raiz do martírio de seus companheiros da UCA: “Ya sois la verdad en cruz / y la ciencia en profecía / y es total la compañía, / compañeros de Jesús”. Por tua santa culpa, dizia-lhe a Jon, muitos estamos ouvindo, transpassada de atualidade, a pergunta decisiva de Jesus: “E vocês, quem dizem que Eu sou?” Por que é ao verdadeiro Jesus a quem queremos seguir.

Com desdém prepotente Pilatos pergunta a Jesus o que é a verdade, mas não espera a resposta e o entrega à morte e se lava as mãos. Maxence van der Meersch responde a Pilatos e nos responde a todos: “A verdade, Pilatos, é estar do lado dos pobres”. A religião e a política têm de acolher essa resposta até as últimas conseqüências. Toda a vida de Jesus, aliás, é essa mesma resposta. A opção pelos pobres define toda política e toda religião. Antes era “fora da Igreja não há salvação”; depois, “fora do mundo não

há salvação”. Jon Sobrino nos recorda, mais uma vez, que “fora dos pobres não há salvação”. João XXIII advogava por “uma Igreja dos pobres, para que fosse a Igreja de todos”. O certo é que os pobres definem, com sua vida proibida e com sua morte “antes de tempo”, a verdade ou a mentira de uma Sociedade, de uma Igreja. Diz nosso Jon Sobrino: “Quem não saiba explicitamente de Deus, já o terá encontrado se amou ao pobre”; e isso diz repetidamente o Evangelho na palavra e na vida de Jesus, em seu presépio e em seu calvário, nas bemaventuranças, nas parábolas, no julgamento final...

Irmãos, irmãs, gente querida e tão próxima no mesmo desvelo e na mesma esperança, sigamos. Tentando “fazer a verdade no amor”, como pede o Novo Testamento, em comunhão fraterna e na práxis libertadora. “Com os Pobres da Terra”. Sendo “vidas pelo Reino da Vida”, como apregoávamos na Romaria dos Mártires da Caminhada.

Seja esta pequena circular um grande abraço de compromisso, de gratidão, de esperança invencível, Reino adentro.

Pedro Casaldáliga

Circular 2007

24 de março, Páscoa de São Romero

ANO 2008

“Parar a roda bloqueando seus rádios”

[circular fraterna]

Estava eu pensando a circular de 2008, quando me invade, como um rio bíblico de leite e mel, uma autêntica enchente de mensagens de solidariedade e carinho por ocasião dos meus 80 anos. Não podendo responder a cada um e a cada uma em particular, inclusive porque o irmão Parkinson tem os seus caprichos, peço a vocês que recebam esta circular como um abraço pessoal, entranhável, de gratidão e de comunhão renovadas.

Estou lendo uma biografia de Dietrich Bonhoeffer, intitulada, muito significativamente, Deveríamos ter gritado. Bonhoeffer, teólogo e pastor luterano, profeta e mártir, foi assassinado pelo nazismo, no dia 9 de abril de 1945, no campo de concentração de Flossenbürg. Ele denunciava a «Graça barata» à qual reduzimos muitas vezes nossa fé cristã. Advertia também que «quem não tenha gritado contra o nazismo não tem direito a cantar gregoriano». E chegava finalmente, já nas vésperas do seu martírio, a esta conclusão militante: «Tem que se parar a roda bloqueando seus raios». Não bastava então socorrer pontualmente as vítimas trituradas pelo sistema nazi, que para Bonhoeffer era a roda; e não nos podem bastar hoje o assistencialismo e as reformas-remendo frente a essa roda que para nos é o capitalismo neoliberal com os seus raios do mercado total, do lucro omnímodo, da macro-ditadura econômica e cultural, dos terrorismos do estado, do armamentismo de novo crescente, do fundamentalismo religioso, da devastação ecocida da terra, da água, da floresta e do ar.

Não podemos ficar estupefatos diante da iniquidade estruturada, aceitando como fatalidade a desigualdade injusta entre pessoas e povos, a existência de um Primeiro Mundo que tem tudo e um Terceiro Mundo que morre de inanição. As estatísticas se multiplicam e vamos conhecendo mais números dramáticos, mais situações infra-humanas. Jean Ziegler, relator das Nações Unidas para a Alimentação, afirma, carregado de experiência, que «a ordem mundial é assassina, pois hoje a fome não é mais uma fatalidade». E afirma também que «destinar milhões de hectares para a produção de bio-carburantes é um crime contra a Humanidade». O bio-combustível não pode ser um festival de lucros irresponsáveis. A ONU vem alertando que o aquecimento global do planeta avança mais rapidamente do que se pensava e, a menos que se adotem medidas urgentes, provocará a desapareição do 30% das espécies animais e vegetais, milhões de pessoas serão privadas de água e proliferarão as secas, os incêndios, as enchentes. A gente se pergunta angustiada quem irá adotar essas «medidas urgentes».

O grande capital agrícola, com o agronegócio e cada vez mais o hidronegócio, avança sobre o campo, concentrando terra e renda, expulsando às famílias camponesas e jogando-as errantes, sem terra, acampadas, engrossando as periferias violentas das

idades. Dom Erwin Kräutler, bispo de Xingu e presidente do CIMI, denuncia que «o desenvolvimento na Amazônia tornou-se sinônimo de desmatar, queimar, arrasar, matar». Segundo Roberto Smeraldi, de Amigos da Terra, as políticas contraditórias do Banco Mundial por um lado «prometem salvar as árvores» e por outro lado, «ajudam a derrubar a Amazônia».

Mas a Utopia continua. Como diria Bloch, somos «criaturas esperanças» (e esperançadoras). A esperança segue, como uma sede e como um manancial. «Contra toda esperança esperamos». Da esperança fala, precisamente, a recente encíclica de Bento XVI. (Pena que o Papa, nesta encíclica, não cita nem uma vez o Concílio Vaticano II, que nos deu a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* –Alegria e Esperança-. Seja dito de passagem, o Concílio Vaticano II continua amado, acusado, silenciado, preterido... Quem tem medo do Vaticano II?). Frente ao descrédito da política, em quase todo o mundo, nossa Agenda Latinoamericana 2008 aposta por uma nova política; até «pedimos, sonhando alto, que a política seja um exercício de amor». Um amor muito realista, militante, que subverta estruturas e instituições reacionárias, construídas com a fome e o sangue das maiorias pobres, ao serviço do condomínio mundial de uma minoria plutocrata.

Por sua parte as entidades e os projetos alternativos reagem tentando criar consciência, provocar uma santa rebeldia. O FSM 2009 vai-se realizar, precisamente, na Amazônia brasileira e terá a Amazônia como um dos seus temas centrais. E o XII Encontro Inter-eclesial das CEBs, em 2009, se celebrará também na Amazônia, em Porto Velho, Rondônia. Nossa militância política e nossa pastoral libertadora devem assumir cada vez mais estes desafios maiores, que ameaçam nosso Planeta. «Escolhemos, pois, a vida», como reza o lema da Campanha da Fraternidade 2008. O apóstolo Paulo, em sua Carta aos Romanos, nos lembra que «toda a criação geme e está com dores de parto» (Rom 8,22). Os gritos de morte cruzam-se com os gritos de vida, neste parto universal.

É tempo de paradigmas. Creio que hoje se devem citar, como paradigmas maiores e mais urgentes, os direitos humanos básicos, a ecologia, o diálogo inter-cultural e interreligioso e a convivência plural entre pessoas e povos. Estes quatro paradigmas nos afetam a todos, porque saem ao encontro das convulsões, objetivos e programas que está vivendo a Humanidade maltratada, mas esperanças ainda sempre.

Com tropeços e ambigüidades Nossa América se move para a esquerda; «novos ventos sopram no Continente»; estamos passando «da resistência à ofensiva». Os povos indígenas de Abya Yala têm saudado com alegria a Declaração da ONU sobre os Direitos dos Povos Indígenas, que afeta a mais de 370 milhões de pessoas em 70 países do Mundo; e reivindicarão a execução real dessa Declaração.

Nossa Igreja da América Latina e o Caribe, em Aparecida, se não foi aquele Pentecostes que queríamos sonhar, foi uma profunda experiência de encontro entre bispos e povo; e confirmou os traços mais característicos da Igreja da Libertação: o seguimento de Jesus, a Bíblia na vida, a opção pelos pobres, o testemunho dos mártires, as

comunidades, a missão inculturada, o compromisso político. Irmãos e irmãs, que raios vamos quebrar em nossa vida diária?, como ajudaremos a bloquear a roda fatal?, teremos direito a cantar gregoriano?, saberemos incorporar em nossas vidas esses quatro paradigmas maiores traduzindo-os em prática diária?

Recebam um abraço entranhável na esperança subversiva e na comunhão fraterna do Evangelho do Reino. Vamos sempre para a Vida.

Pedro Casaldáliga
Circular 2008

ANO 2009

[circular fraterna]

“Hoje não tenho mais esses sonhos” diz o cardeal

O cardeal Carlo M. Martini, jesuíta, biblista, arcebispo que foi de Milan e colega meu de Parkinson, é um eclesiástico de diálogo, de acolhida, de renovação a fundo, tanto na Igreja como na Sociedade. Em seu livro de confidências e confissões *Colóquios noturnos em Jerusalém*, declara: «Antes eu tinha sonhos acerca da Igreja.

Sonhava com uma Igreja que percorre seu caminho na pobreza e na humildade, que não depende dos poderes deste mundo; na qual se extirpasse pela raiz a desconfiança; que desse espaço às pessoas que pensem com mais amplitude; que desse ânimos, especialmente, àqueles que se sentem pequenos e pecadores. Sonhava com uma Igreja jovem. Hoje não tenho mais esses sonhos». Esta afirmação categórica de Martini não é, não pode ser, uma declaração de fracasso, de decepção eclesial, de renúncia à utopia. Martini continua sonhando nada menos que com o Reino, que é a utopia das utopias, um sonho do próprio Deus.

Ele e milhões de pessoas na Igreja sonhamos com a «outra Igreja possível», ao serviço do «outro Mundo possível». E o cardeal Martini é uma boa testemunha e um bom guia nesse caminho alternativo; o tem demonstrado.

Tanto na Igreja (na Igreja de Jesus que são várias Igrejas) como na Sociedade (que são vários povos, várias culturas, vários processos históricos) hoje mais do que nunca devemos radicalizar na procura da justiça e da paz, da dignidade humana e da igualdade na alteridade, do verdadeiro progresso dentro da ecologia profunda. E, como diz Bobbio, «é preciso instalar a liberdade no coração mesmo da igualdade»; hoje com uma visão e uma ação estritamente mundiais. É a outra globalização, a que reivindicam nossos pensadores, nossos militantes, nossos mártires, nossos famintos...

A grande crise econômica atual é uma crise global de Humanidade que não se resolverá com nenhum tipo de capitalismo, porque não é possível um capitalismo humano; o capitalismo continua a ser homicida, ecocida, suicida. Não há modo de servir simultaneamente ao deus dos bancos e ao Deus da Vida, conjugar a prepotência e a usura com a convivência fraterna. A questão axial é: Trata-se de salvar o Sistema ou se trata de salvar à Humanidade? A grandes crises, grandes oportunidades. No idioma chinês a palavra crise se desdobra em dois sentidos: crise como perigo, crise como oportunidade.

Na campanha eleitoral dos EUA se arvorou repetidamente «o sonho de Luther King», querendo atualizar esse sonho; e, por ocasião dos 50 anos da convocatória do Vaticano II, tem-se recordado, com saudade, o Pacto das Catacumbas da Igreja serva e pobre.

No dia 16 de novembro de 1965, poucos dias antes da clausura do Concílio, 40 Padres Conciliares celebraram a Eucaristia nas catacumbas romanas de Domitila, e firmaram o Pacto das Catacumbas. Dom Hélder Câmara, cujo centenário de nascimento estamos celebrando neste ano, era um dos principais animadores do grupo profético. O Pacto em seus 13 pontos insiste na pobreza evangélica da Igreja, sem títulos honoríficos, sem privilégios e sem ostentações mundanas; insiste na colegialidade e na corresponsabilidade da Igreja como Povo de Deus e na abertura ao mundo e na acolhida fraterna.

Hoje, nós, na convulsa conjuntura atual, professamos a vigência de muitos sonhos, sociais, políticos, eclesiais, aos quais de jeito nenhum podemos renunciar. Seguimos rechaçando o capitalismo neoliberal, o neoimperialismo do dinheiro e das armas, uma economia de mercado e de consumismo que sepulta na pobreza e na fome a uma grande maioria da Humanidade. E seguiremos rechaçando toda discriminação por motivos de gênero, de cultura, de raça. Exigimos a transformação substancial dos organismos mundiais (a ONU, o FMI, o Banco Mundial, a OMC...). Comprometemo-nos a vivermos uma «ecologia profunda e integral», propiciando uma política agrária agrícola alternativa à política depredadora do latifúndio, da monocultura, do agrotóxico. Participaremos nas transformações sociais, políticas e econômicas, para uma democracia de «alta intensidade».

Como Igreja queremos viver, à luz do Evangelho, a paixão obsessiva de Jesus, o Reino. Queremos ser Igreja da opção pelos pobres, comunidade ecumênica e macroecumênica também. O Deus em quem acreditamos, o Abbá de Jesus, não pode ser de jeito nenhum causa de fundamentalismos, de exclusões, de inclusões absorventes, de orgulho proselitista. Chega de fazermos do nosso Deus o único Deus verdadeiro. «Meu Deus, me deixa ver a Deus?». Com todo respeito pela opinião do Papa Bento XVI, o diálogo interreligioso não somente é possível, é necessário. Faremos da corresponsabilidade eclesial a expressão legítima de uma fé adulta. Exigiremos, corrigindo séculos de discriminação, a plena igualdade da mulher na vida e nos ministérios da Igreja. Estimularemos a liberdade e o serviço reconhecido de nossos teólogos e teólogas. A Igreja será uma rede de comunidades orantes, servidoras, proféticas, testemunhas da Boa Nova: uma Boa Nova de vida, de liberdade, de comunhão feliz. Uma Boa Nova de misericórdia, de acolhida, de perdão, de ternura, samaritana à beira de todos os caminhos da Humanidade. Seguiremos fazendo que se viva na prática eclesial a advertência de Jesus: «Não será assim entre vocês» (Mt 21,26). Seja a autoridade serviço. O Vaticano deixará de ser Estado e o Papa não será mais chefe de Estado. A Cúria terá de ser profundamente reformada e as Igrejas locais cultivarão a inculturação do Evangelho e a ministerialidade compartilhada. A Igreja se comprometerá, sem medo, sem evasões, com as grandes causas de justiça e da paz, dos direitos humanos e da igualdade reconhecida de todos os povos. Será profecia de anúncio, de denúncia, de consolação. A política vivida por todos os cristãos e cristãs será aquela «expressão mais alta do amor fraterno» (Pio XI).

Nós nos negamos a renunciar a estes sonhos mesmo quando possam parecer quimera. «Ainda cantamos, ainda sonhamos». Nós nos atemos à palavra de Jesus: «Fogo vim

trazer à Terra; e que mais posso querer senão que arda» (Lc 12,49). Com humildade e coragem, no seguimento de Jesus, tentaremos viver estes sonhos no dia a dia de nossas vidas. Seguirá havendo crises e a Humanidade, com suas religiões e suas Igrejas, seguirá sendo santa e pecadora. Mas não faltarão as campanhas universais de solidariedade, os Foros Sociais, as Vias Campesinas, os movimentos populares, as conquistas dos Sem Terra, os pactos ecológicos, os caminhos alternativos da Nossa América, as Comunidades Eclesiais de Base, os processos de reconciliação entre o Shalom e o Salam, as vitórias indígenas e afro e, em todo o caso, mais uma vez e sempre, «eu me atenho ao dito: a Esperança».

Cada um e cada uma a quem possa chegar esta circular fraterna, em comunhão de fé religiosa ou de paixão humana, receba um abraço do tamanho destes sonhos. Os velhos ainda temos visões, diz a Bíblia (Jl 3,1). Li nestes dias esta definição: «A velhice é uma espécie de postguerra»; não precisamente de claudicação. O Parkinson é apenas um percalço do caminho e seguimos Reino adentro.

Pedro Casaldáliga
Circular 2009